

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Caio Mário Bueno. Caio Mário Bueno Silva. (depoimento, 2020). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 67p. (3h15min).

Entrevista com Caio Mário Bueno Silva (professor e ex-reitor do IFMG durante dois mandatos), realizada dia 20 de agosto de 2020, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. E estiveram presentes também Pablo Menezes e Oliveira e Livia Serretti Azzi Fuccio. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Mauro Fernandes Maia e Fernanda Galhardo Dias. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.

Douglas: (...) Bem, vamos lá. Professor Caio, em primeiro lugar, em nome de todo o Centro de Memória do IFMG, gostaria de agradecer a sua participação, o seu aceite, né. Inclusive, um pronto atendimento, né, muito rápido. E dizer que o Centro de Memória do IFMG é um esforço que nós estamos começando, mais ou menos no final do ano passado, principalmente esse ano, no sentido de principalmente entender como foi construído o IFMG, como ele foi formado, né. É claro que nós vamos perguntar algumas coisas, talvez de um passado, né, ali da sua carreira em Ouro Preto e tudo mais. Por outro lado, o objetivo do Centro de Memória é, como eu disse, entender a construção do IFMG, como se deu, um projeto inclusive institucional, né, que depois nós vamos disponibilizar via portal e tudo mais. Nesse sentido, essa pergunta que eu vou te fazer agora, eu também vou repetir no final da entrevista, se você está de acordo de disponibilizar pra gente, né, o uso dessa gravação e uso dessa sua entrevista?

Caio: Sem dúvida. De acordo, de acordo.

Douglas: Então tá ótimo, Caio. Muito Obrigado! Denis, então podemos começar.

Denis: Caio, é... boa tarde! É...

Caio: Boa tarde!

Denis: Muito obrigado pela sua disponibilidade de tá cedendo, né, por essa gentileza sua de poder fazer essa entrevista aqui com a gente do Centro de Memória. É... meu nome é Denis, tá. Eu sou bolsista do Centro de Memória, professor da rede estadual de ensino e aqui, no Centro de Memória do IFMG, a gente tem esse objetivo que o Douglas falou aí de percorrer a história da instituição do IFMG. E você, pra gente, é central, né, a gente tá fazendo essa entrevista com você, tá. Pela sua, exatamente pela sua história em toda essa... toda essa história na instituição.

Caio: É, desde o embrião até a criação dos campus, eu tava presente.

Douglas: Exatamente!

Denis: Exatamente! Então a gente... o nosso...

Pablo: É, boa tarde! [risos]

Denis: Boa tarde, Pablo!

Pablo: Boa tarde, professor Caio! Satisfação revê-lo. E aí, professor! Tudo bem com o senhor?

Caio: Satisfação é minha, pô.

Pablo: [risos] Tá aí sendo emoldurado por uma belíssima paisagem colonial, né, professor?

Caio: Eu tô aqui no salão da minha pousada. Eu tenho uma pousada em Cachoeira do Campo e tô aqui.

Pablo: Sim...

Denis: Então, continuando, professor Caio, o nosso esforço é no sentido de fazer uma espécie de banco de entrevistas. É, percorrendo, e aí o máximo de pessoas possíveis, de entrevistados possíveis, que participaram desse processo aí de criação, viveram, né, no caso, a construção e **vivem** a instituição, pra gente conseguir traçar, percorrer esse processo aí de formação da instituição e uma própria identidade institucional, né. A gente construir conhecimento sobre a instituição é uma forma, assim, de lutar, né, pela educação de qualidade, educação técnica e tecnológica, pelo ensino de qualidade. Então você com certeza é central pra gente aí, pra tá fazendo essa entrevista e, desde já, a gente do Centro de Memória te agradece. Eu queria, ô Caio, te perguntar um pouco sobre a sua formação, né. Eu queria que você falasse um pouco sobre a sua formação, aí antes mesmo do ingresso...

Caio: No IFMG?

Denis: Na escola, né...

Caio: Na escola técnica?

Denis: É, na Escola Técnica Federal de Ouro Preto, né? Que você passasse por isso até, no caso, o seu concurso, o ingresso na escola, e depois, né, Se você quisesse fazer um percurso aí pelo CEFET, pelo IF, falando um pouco aí da sua entrada, desse seu ingresso, da sua formação, você docente, né. E aí como que foi essa sua formação?

Caio: Correto. É, eu entrei lá na Escola Técnica em mil novecentos... antiga Escola Técnica Federal de Ouro Preto, em 1985. A Escola Técnica sempre teve uma ligação muito grande com a Escola de Minas de Ouro Preto, a universidade, hoje Universidade Federal de Ouro Preto, com os cursos de Engenharia lá. A Escola Técnica, ela surgiu, ela foi criada em 1944, a Escola Técnica Federal de Ouro Preto, ela foi criada em 1944 com três turmas, com três salas, que funcionaram de 1944 até 1964 no pátio da antiga sede, da antiga... do Palácio do Governador em Ouro Preto, onde funcionava a antiga Escola de Minas. Então, a Escola Técnica era uma escola federal já, criada em 1944, ela ficou vinte anos com três turmas, funcionavam três turmas lá no pátio da Escola de Minas. Os cursos da Escola Técnica sempre foram, né, durante muitos anos, **os mesmos cursos** da Escola de Minas. O que tinha na escola de Engenharia, nós tínhamos no curso técnico. A Escola, tinha lá Engenharia de Minas, nós tínhamos o curso técnico em Mineração. A Escola de Minas tinha Engenharia Metalúrgica, nós tínhamos o técnico em Metalúrgica e assim por diante. Então, era quase que uma filha, a Escola **Técnica** era quase uma filha da Escola de Minas de Ouro Preto, que é uma escola de 1876, então uma escola aí do século XIX, uma escola, né, é muito antiga, a primeira escola de Engenharia da América Latina, essa escola. E tem um fato curioso que, em 1964, é, o quartel onde funciona hoje, onde é hoje o campus do IFMG Ouro Preto, o quartel da cavalaria, ele muda pra Juiz de Fora, então o quartel fica vazio e, em plena ditadura militar, os alunos e professores da Escola Técnica **invadem** o quartel, né, e transformam o quartel, que antes era o quartel de cavalaria, no campus da Escola Técnica Federal, não é? Então, desde 64, a escola começa a se desenvolver, é, saindo lá de **três turmas**, né, de três pequenas turmas lá na Escola de Minas e começa a desenvolver a nossa Escola Técnica hoje. Então as baias de cavalos foram transformadas em salas de aula, em refeitórios... E essa é uma grande história. Então, nós sempre tivemos ligação. Eu estudei na Escola de Minas, eu fiz Engenharia Metalúrgica na Escola de Minas. E logo no início lá da década de 80, né, eu fui dar aula na Escola Técnica. Era muito comum. A década de 80 foi uma década, é, meio perdida na Engenharia, né, foi um... nós tivemos uma **grande crise** na década de 80. O Brasil vive de crise, né? A década de 80 foi **muito** difícil. Então as pessoas terminavam a Engenharia e não tinham emprego, iam trabalhar no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal. E muitos foram dar aula, dar aula na Escola de Minas ou dar aula na Escola Técnica, que foi o meu caso, né. E eu passei, entrei lá em 85, na escola. A Escola Técnica ainda era uma escola muito pequena. Ela sai da Escola de Minas, já tinha **11 anos** que estava no atual campus. Tava começando... 11 não, 64... tinha **21 anos**, né? Mas ainda era uma escola muito pequena. Eu lembro que quando eu ingressei, nós tínhamos cerca de 80 professores mais ou

menos. Hoje tem acho que 170, 180, então era metade do que tem hoje. Tinha muito menos alunos. Mas tinha uma bela história. Toda a construção, é, da Mineração e da Metalurgia em Minas Gerais e no Brasil passaram com certeza pela Escola Técnica Federal de Ouro Preto, né, e pela Escola de Minas. Porque onde realmente, só aqui que formavam os geólogos. O engenheiro de Minas, o técnico em Mineração, o técnico em Metalurgia, o engenheiro metalurgista e assim por diante, então é um campus que tem uma história muito bacana. E eu fiquei, então ficamos a vida inteira na escola, quase 40 anos lá na Escola Técnica. É, logo depois teve a transformação, logo depois não, alguns anos depois, em 2002, se não me falha a memória, houve a transformação da Escola Técnica em CEFET. O que significava, na verdade, essa transformação pra quem acompanhou, né? Nós da Escola Técnica, a gente trabalhava só com ensino... o ensino médio. Só com Ensino Técnico mesmo. E já existia uma grande pressão, o CEFET de Belo Horizonte, a Escola Técnica Federal de Belo Horizonte, já desde o final da década de 70, a Escola Técnica de Belo Horizonte começa a oferecer, a ofertar alguns cursos na área de Engenharia. Começaram inicialmente com Engenharia de... que é hoje Engenharia de Produção, que na época chamava de Engenharia de Métodos. E era um curso acho que de 4 anos, 3 anos e meio ou 4 anos. Engenharia de Métodos foi o primeiro curso superior que o CEFET teve, né? Então parece que o CEFET de Belo Horizonte, os CEFETs mais antigos, o CEFET do Rio de Janeiro, eu acho que o do Espírito Santo também, que começaram a ingressar no curso superior. Então foi uma grande luta da comunidade e de outros CEFETs também, de outras Escolas Técnicas também, inclusive a nossa de Ouro Preto, pra não ficar pra trás, a transformação da Escola Técnica em CEFET e que dava uma abertura pra gente também, é, começar a militar aí nos cursos superiores, apesar da grande dificuldade que nós tínhamos na época pela nossa tradição. Como nós tínhamos os mesmos cursos da Universidade. Então, quando você pensa, quando você fala no curso superior, você pensa em verticalizar. Você tem uma estrutura do técnico em Mineração, aí você vai montar uma Engenharia de Minas? Vão falar “mas a UFOP já tem”, né? Se eu pular a cerca já tem uma Engenharia de Minas ali, já tinha já a Engenharia Metalúrgica e assim por diante. Então o nosso caso de Ouro Preto era uma coisa muito... era uma **aventura** muito difícil de ser concretizada. Porque nós tínhamos, é, muito próximo de si, uma outra instituição também federal, né, e que já ofertava os cursos que a gente potencialmente poderia ofertar. Mas o CEFET entrou, nós começamos com alguns cursos que não tinha na Universidade, cursos bastante interessantes também. A Universidade de Ouro Preto, ela nunca se interessou muito por Geografia. Não tinha, nunca teve um curso de Geografia, então nós criamos uma licenciatura em Geografia, depois um curso lá na área de Edificações, que é gestão, me fugiu

o nome aqui agora, fugiu o nome... **é o Restauro! Conservação e Restauro**, desculpa. É um curso... não posso esquecer isso não porque tenho compromisso com esse curso [risos]. É um curso de Conservação e Restauro, um curso muito bacana, que é uma parte que entra muito na Arquitetura, mas também entra na Engenharia de Materiais. É um curso muito bacana que deu muito certo. Entramos também, em Ouro Preto, nas licenciaturas, né, de Física, principalmente, e foi crescendo... O CEFET, então, de 2002, de 2002 até 2007, é, o CEFET estava em implantação ainda. A gente tentando ambientar. Nós tínhamos um corpo de professores, todo mundo voltado pro Ensino Técnico, e começa de uma forma **muito tímida** ainda a gente permear, a gente trabalhar também o curso superior com essas que nós tínhamos da tradição, da história e da proximidade de uma escola com a mesma vocação que eram as escolas de Engenharia da Universidade Federal de Ouro Preto. **Mas em 2007...** em 2007, então muito pouco tempo depois, cinco anos depois, praticamente, não é? Aí começa a discussão da **criação** do Instituto Federal. Eu acho que eu posso, eu tenho chance de contribuir bastante com esse trabalho de vocês porque eu participei **desde o embrião mesmo**. Eu lembro que em 2007 nós tivemos lá **a eleição para diretor do CEFET**. Tava terminando o mandato da professora Maria da Glória e, como diretora do CEFET, a eleição seria, acho que junho, me parece, maio ou junho de 2007, e eu fui candidato a diretor. E nos debates, a eleição... tinha uma eleição paritária, que participavam os alunos, **como é hoje ainda**, não mudou. Os alunos, os professores e os técnicos-administrativos, não é? E no debate surgiu a questão do Instituto Federal. **Nem chamava** Instituto Federal ainda, não chamava ainda. Falava-se muito em Universidade Tecnológica. É, tinha alguns dos grandes CEFETs que começaram com essa história da Universidade Tecnológica, a exemplo da Universidade Tecnológica do Paraná, né? Então já tinha uma discussão. Mas na verdade, o que se queria naquele momento, essa discussão, a **primeira** discussão que teve a respeito dos Institutos Federais, que não tinha ainda essa denominação, ela foi **em maio**, então foi exatamente no processo... **maio de 2007**, naquele momento, que a gente tava em um processo lá na escola, surge a discussão. Teve um encontro dos diretores em **Recife**, e que foi levado esse assunto para debater lá no CONCEFET, que era o Conselho dos Diretores do CEFET. É, quem era o ministro à época era o ministro... era o professor Fernando Haddad. Aí surge, a ideia surge dentro do Ministério da Educação, né, de criar. Foi naquele momento que o país tava começando a crescer. O minério de ferro tava lá em cima. Começou uma discussão no Brasil que... é... **escassez de mão de obra**. Que o Brasil não tinha como crescer, não tinha como desenvolver, né, se não criasse escolas de Engenharia, escolas técnicas. Preparar o pessoal. Chamava... tinha as manchetes de jornais, **o apagão de mão de obra**. O país tava

crescendo... um grande potencial para o crescimento. Mas não tinha técnico, não tinha engenheiro. Então daí surge, no Ministério da Educação, a ideia do Instituto Federal. Falou: “Ah, então vamos fazer o seguinte, se tem que criar escola técnica e Engenharia, então vamos pegar uma rede que já existe, uma instituição que já existe. E vamos pegar essa estrutura que já tem pra curso técnico e vamos verticalizar. A mesma estrutura que oferta o curso técnico, ela pode ofertar o curso também superior, né?”. Dentro da mesma, do mesmo, é, como é que fala isso? Fugiu o nome aqui ... Dentro do mesmo **eixo tecnológico**! Dentro do mesmo eixo, né? E começa a discussão em 2007, aí acho que junho teve as eleições lá na escola, no CEFET, eu fui eleito diretor, tomei posse em agosto de 2007, dia 14 de agosto de 2007. E esse mês, quando eu assumo, quando eu vou a Brasília, tomei posse em Brasília, eu comecei a participar do Conselho Diretor, do Conselho de Diretores do CEFETs. Aí o pau já tava quebrando. Essa discussão, essa coisa... a gente não sabia o que que era também. O Haddad, ele tinha uma ideia do Instituto, né, é, da UNESP de São Paulo. Ele imaginava isso. Falava assim: “Olha, a gente cria uma direção, uma reitoria”. Nem se falava em reitoria ainda, mas você tem uma direção geral, você tem uma administração central, ele imaginava uma reitoria por Estado, ficaria, no nosso caso aqui, uma reitoria em Belo Horizonte, e criaria **várias** escolas. Vários *campi* no **modelo da UNESP**! Tanto que eu fui, eu fui acho que duas ou três vezes em São Paulo, eu fiz reunião com o pessoal da UNESP pra tentar entender como é que funcionava aquilo... A UNESP, quem conhece a UNESP de São Paulo, você tem lá a reitoria em São Paulo e tem campus lá com 800, 900, 1000 quilômetros de distância. E toda gestão administrativa principalmente, ela é feita em São Paulo. E, então, a gente começou, ali em agosto de 2007, começa a concepção, né, do que realmente seria, esta instituição. Mas desde o início, a gente enxergava aquilo, acho que todas as pessoas que participaram daquele processo, não só o pessoal do Ministério da Educação, mas nós mesmos, os diretores dos CEFETs e os diretores também das agrotécnicas federais - que na fusão, grande parte das agrotécnicas também fundiram pra formação do Instituto Federal -, nós enxergávamos, e eu **enxergo até hoje**, como uma **grande** revolução, talvez a maior revolução que nós tivemos na educação tecnológica do Brasil, né. Porque você cria o Instituto Federal, você cria uma instituição, primeiro, robusta, apoderada. É, você tem, no nosso caso, a gente até chama o nosso caso de Ouro Preto, né, que eu era, eu fui professor de Ouro Preto, nós éramos uma escolinha pequena, uma escolinha do interior, com pouca estrutura, né, uma escola com dois mil e quinhentos alunos. Uma escola muito pequenininha, de repente você faz parte... A criação do Instituto, primeiro você verticaliza, você usa todas as suas potencialidades. Você pode, você pega, com o mesmo laboratório, com a mesma estrutura, você forma o técnico,

você forma o engenheiro, você faz o mestrado, você tem o doutorado, você tem uma estrutura da pesquisa aplicada, você tem um **universo** aberto, uma coisa fantástica. **Muito difícil**, né? Você pegar um... os professores, né, que eram da Escola Técnica, muito focado no Ensino Técnico, ele **subir**, ele ir pra universidade, ele ir, né, pro curso superior, ele ir pros cursos de pós-graduação, também é muito difícil. Os professores, né, quando chegavam no concurso, é, saindo do doutorado na universidade, com uma vida acadêmica muito ligada à universidade, de repente, você pega esse professor, leva para um projeto que ele tem que verticalizar. Ele tem que dar aula no mestrado, mas tem que dar aula para o garoto de 15 anos do Ensino Técnico. Então é uma coisa muito maluca! É uma coisa difícil das pessoas aceitarem, uma coisa difícil. Mas é estimulante, é um desafio! **Não vai ser fácil**, né? Nós temos aí, de criação, **12 anos**. O Instituto tem 12 anos. Eu acho que isso aí ainda vai acabar... nós vamos demorar, todos nós, os professores que estão entrando, é uns 20 anos pra gente conseguir entender **a grandeza** desse projeto. Mas eu não tenho **dúvida nenhuma** que, no momento que o país der uma estabilizada, o **papel** do Instituto Federal, sua filosofia, vai contribuir **muito** para o desenvolvimento da educação desse país. Ele é **muito mais**, o Instituto é **muito mais** que uma universidade. Ele vai pra todas, ele milita em todas as áreas. Ele vai lá no doutorado, mas pega um garoto também, quer dizer, você tem a oportunidade de pegar um menino de 15 anos, né, lá no curso técnico e ele terminar lá, **na mesma instituição**, o pós-doutorado dele, na mesma instituição! É uma coisa que eu acho fantástica, muito bacana. E eu participei muito, então, eu peguei logo no início, em agosto. Nós ficamos de agosto de 2007 até dezembro de 2008 **num debate intenso** para chegar na **concepção** do Instituto, como é que seria, né. Nós enxergávamos... eu mesmo, eu fui muito atuante nesses momentos. Eu fui no meu primeiro mandato de reitor, eu fui vice-presidente, né, do Conselho de Reitores, e depois, no meu segundo mandato, eu fui presidente. Então, o tempo todo eu estive na principal liderança, mas era uma liderança natural. E participei muito disso. E outra coisa, **muita angústia**, porque você com um projeto desse tamanho. Você vê que foram criados naquela época, até quando eu saí, acho que mais ou menos 600 ou 700 *campi* no Brasil inteiro. O projeto do governo, do Haddad, era criar **1000 campi**. Aí você fala: “**Mil?** Mas é muita coisa”, aí ele discutia isso, “Pô, mas peraí, o Canadá tem 1200, pô”. O Canadá tem uma grande dimensão, mas tem muito menos habitantes do que a gente, e tem 1200. A França acho que tem 1400 escolas técnicas, né? Então era pouco. Era inconcebível na época, a grande discussão da criação do Instituto Federal era exatamente isso aí. Você falava, nós tínhamos, na verdade, nas escolas técnicas, você pegava, né, **escola técnica** mesmo na área industrial, nós tínhamos 20, mais ou menos. Como é que você vai dar **base** para o

desenvolvimento industrial do país com 20 escolas? É uma coisa **inconcebível**, né? A França tem 1400, o Canadá tem 1200, né? Então você não consegue... um país que tem 5000 e tantas, 5500 e tantas cidades, né, no Brasil, com 20 escolas industriais. É uma coisa louca! Então, eu acho que o papel do IFMG, né, é um papel de destaque. Nós, eu acho que nós mesmos ainda não conseguimos entender porque é difícil mesmo! É muito difícil, né? É, eu lembro, né, eu lembro muito, é, eu como reitor, né, quando a gente começou a parte de pesquisa, né. Pesquisa aplicada... porque **a grande tarefa** do Instituto Federal, era uma briga que eu tinha com os pró-reitores, é difícil, era da pesquisa aplicada. Então, eu, nós separamos um recurso, era **4 milhões de reais**, quatro mi... não era pouco, né? 4 milhões de reais para as bolsas de pesquisas. Mas a gente batia o pé que era pesquisa aplicada. Era esse... nós conseguimos recursos com o MEC. Era nesse intuito da pesquisa aplicada. Eu mesmo, depois, eu fui fazer parte, né, eu fiquei 2 anos como conselheiro da EMBRAPII. Que é Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Tecnológica, que era de inovação para indústria, que era uma ligação do Governo Federal, né, com a CNI [Confederação Nacional da Indústria]. A sede era em São Paulo, o governo colocou **2 milhões**, 2 milhões, e a CNI colocou 2 milhões, nos polos de inovação tecnológica. E era no sentido de bolsa... Eu fazia parte, eu era do Conselho de Administração, e lá também, **mesmo lá**, na EMBRAPII, nós tínhamos uma briga **tremenda** com o pessoal que fazia parte e coisa, que era gente da USP, da Unicamp, né, que vinha da pesquisa **básica**. E que não aceitava. Muito maluco, a gente tava falando de pesquisa tecnológica, pesquisa aplicada. O próprio presidente da EMBRAPII, que era da Unicamp, ele batia, ele não concordava, ele achava que a pesquisa básica era mais importante. E uma coisa então muito difícil era uma questão de concepção, você tem um projeto, você tem uma coisa pra mudar, mas as pessoas põem o pé no freio porque tem toda uma história da própria instituição, da própria formação, da forma que via a pesquisa. Mas foi muito bacana. Eu acho que a gente lutou muito, brigou muito. É, a primeira briga que nós tínhamos era da concepção. Que o modelo era a UNESP, nós vimos o seguinte, não dá pra administrar. Eu fui três vezes a São Paulo, e falei: “Gente, não dá”. Um reitor ficar em São Paulo, um grupo ficar em São Paulo e administrar. Porque a parte administrativa, a coisa vai. Agora, a questão acadêmica, você, de São Paulo, administrar lá a 800 quilômetros, é muito difícil, nós falávamos. Então, nós começamos o embate com o ministro que não podia ser apenas um por Estado, que não dava. Você imagina Minas Gerais, não é? A princípio seria o Instituto com uma reitoria em Belo Horizonte, e a gente com 853 cidades. Então ia criar o quê? Mais ou menos aí com, eu não sei hoje exatamente quanto... O IFMG tem em torno de 20 *campi*. Se pegar todos aí, o CEFET e mais os outros Institutos, a gente deve ter hoje aí uns

80 campi mais ou menos, **80**, 90 *campi*, mais ou menos. Então você imagina, né, aos moldes da UNESP, que é mais ou menos isso a UNESP, um reitor em Belo Horizonte com a sua equipe lá administrando 80 campi. Lá no norte de Minas, 1500 quilômetros lá no sul de Minas, lá no Triângulo... A gente achava, do ponto de vista da administração do projeto, uma coisa muito difícil. Aí começa: “Ah, vamos criar dois em Minas, vamos criar três...”. No final, ficou cinco em Minas, São Paulo, né, ficou [inaudível 00:27:16]... porque São Paulo, a questão da UNESP, ela é tão forte; São Paulo ficou só com um Instituto, com sede em São Paulo. O CEFET São Paulo transformou-se no Instituto Federal de São Paulo, mas eles **têm muita dificuldade**. Os CEFETs.. o Instituto Federal de São Paulo, eles devem ter aí uns 40 *campi* mais ou menos, 40 ou mais, né? E tem uma dificuldade administrativa **muito grande, muito grande**. Eu participei com alguns reitores, em oito anos, tem as mudanças lá, com três reitores de São Paulo, e eles reclamavam **demais** da dificuldade. O reitor ficava o mandato inteiro e não conseguia ir ao campus, ele não consegue ir lá. Não consegue conhecer a realidade. É muito difícil. Então foi esse período foi mais ou menos isso aí, da criação, até que chega no final de 2008, nós participamos... eu participei da redação, ficamos **meses** discutindo lá a **minuta** do projeto de lei, que foi assinado lá, acho que 20 e... 28, 29 de dezembro de 2008, que cria o Instituto Federal. Aí cria o Instituto, aí começa a grande. Uma coisa muito bacana, uma concepção nossa, a gente discutindo aquilo... Agora, vai colocar isso em prática. Vocês que estão no IFMG e são professores sabem a grande dificuldade. É uma **tremenda** dificuldade. Primeiro, a incapacidade nossa, né? Para transitar na verticalidade não é fácil. Não é fácil as pessoas aceitarem isso. Aceitarem... além de não ser fácil, a pessoa abraçar o programa e entender. Mas eu acho que deu certo. Deu certo, né? Vai caminhar e com certeza a gente vai contribuir muito pro nosso país, para educação do país e pro desenvolvimento do Brasil, o Instituto Federal. Não sei se...

Douglas: Não...

Caio: Não sei, né...

Douglas: Não... perfeito, perfeita colocação. Só um dado curioso que o meu mestrado e doutorado foi na UNESP lá de Franca, né. Que... você falou, então de certa forma eu conheço um pouco o...

Caio: Cê conhece bem a UNESP [gestual com as mãos], é!

Douglas: Exatamente! Eu conheço bem a estrutura de funcionamento lá.

Caio: É que a UNESP, no caso da UNESP, a UNESP não tem um curso técnico, ela não tem um Ensino Médio, né? É só a coisa... para nós era a estrutura administrativa da UNESP, essa era a ideia, né? Mas a gente, trabalhando na verticalidade... Você pegar do Ensino Técnico ao Pós-Doutorado. Muito mais complicado! [risos]

Douglas: É. Durante essa resposta que você deu pra gente, você já vislumbrou um pouco o que seria essa pergunta agora que é o seguinte: gostaria que você falasse pra gente, **hoje**, qual que é o seu papel, qual que é o seu cargo, enfim, no IFMG, e quais cargos você exerceu? Aí não só no IFMG, mas se você pudesse resgatar a ETFOP, depois passando pelo CEFET e chegando no IFMG, quais as funções que você desempenhou nessas instituições aí, ô Caio?

Caio: Tá. Na escola, na Escola Técnica ainda eu fui do Conselho Superior. Chamava **Conselho Diretor**. É que era o Conselho Superior da Escola Técnica. Fui também... dentro da escola, né? Aí foi isso. Depois, no CEFET, eu fui diretor. Depois fui... depois veio o IFMG, que eu fui o... tava na fundação, né? Eu fui reitor duas vezes, foi isso! Basicamente isso. Agora fui, lá na Escola Técnica, fui presidente da Associação de Professores, eu fui da CBBD, eu... ih! Eu sempre ocupei... nunca tive... o mais interessante, quando eu fui... quando eu fui chamado para ser candidato a diretor, eu nunca tinha aceitado nenhum cargo de coordenação. A minha área mesmo, a área que eu fiquei lá 35 anos, eu nunca aceitei ser coordenador, eu nunca tive **uma FG**, né? **Nunca**. Fui convidado várias vezes pra assumir, pra Diretoria de Ensino e não sei o quê. Eu nunca aceitei. Eu sempre tive ligado lá com meu laboratório, com as minhas aulas, coisas que eu sempre gostei. Tinha minha participação política, né? Talvez seja por isso, né, falam demais, quem fala muito acaba assumindo compromisso, responsabilidades [risos]. E acabei entrando nessas aí, mas eu nunca tive intenção, nunca tive esse objetivo de ocupar nenhum cargo administrativo na instituição. Já tinha até, nesse meio tempo, na década de 90, eu fui secretário municipal na prefeitura de Ouro Preto. O prefeito na época me convidou, eu fui lá secretário de Agricultura e Meio Ambiente. Fiquei lá 4 anos, mas tinha sido minha participação política ali, depois eu voltei pra sala de aula, fiquei dando aula inclusive, né. Nessa época que eu fui secretário, eu dava...

eu passei... eu dava aula à noite. Diminuí a carga horária na escola, eu era secretário da prefeitura de manhã e à noite dava aula e foi isso, né? A minha participação de cargos na escola foi basicamente como diretor da escola, depois reitor.

Denis: Ô Caio, é... você professor e desde o seu ingresso na Escola Técnica Federal de Ouro Preto, você assumiu vários cargos e funções administrativas aí, como cê tá falando e aí depois no processo de “cefetização”, do CEFET, e no IFMG também, cê passa por vários cargos. É, como que se deu então esse seu interesse, no caso, pela gestão e, uma questão, é, houve conflito aí, entre a sua formação, a sua visão como professor e a própria gestão, agora você no cargo de administrador?

Caio: Não. Eu sempre participei, desde que eu entrei na escola, né. Como a gente é uma escola, Ouro Preto, CEFET, a Escola Técnica, é uma escola muito **pequena**. E nós participávamos mesmo sem ter um cargo administrativo. Nós participávamos muito da gestão, das discussões pedagógicas, da concepção de escola. Então todo o processo foi uma coisa natural. Foi uma coisa absolutamente natural, então não teve conflito, não teve nada. A gente tinha uma ideia de escola, uma ideia às vezes até equivocada. Nem sempre é uma ideia que veio dum projeto majoritário, mas a gente gosta, sempre apaixonado pela educação tecnológica, gosto da escola. Hoje eu tô aposentado. Eu saí, mas o grande compromisso com a escola... Então, foi muito bacana, não teve muito conflito, não. Na verdade, eu fui diretor, né, eu falei, naquela eleição de 2000 e... 2007, diretor da escola, foi uma faca no pescoço, né. É, um grupo tava insatisfeito, um grupo de professores tava insatisfeito, né, com a diretora à época. **Natural**, sempre tem oposições e tudo. Um dia o pessoal me chama numa reunião, numa sala e fala: “Olha, eu sei que você não quer, nunca quis ocupar cargo nenhum, mas a gente vê que você é a chance nossa”. Tinha 50 pessoas na sala, “você é a chance nossa, se você não assumir isso aqui...” Aquela coisa que... pra jogar a gente no buraco [risos]. Aquela pressão, e foi quando eu assumi assim. Nunca quis, né. Já tinha, nessa época já tinha 15... já tinha **22 anos** de escola, nunca tinha ocupado cargo nenhum, né, na escola. Mas, apesar de participar politicamente. O tempo todo sempre participei das decisões, apoiando, sendo contrário, lógico, dentro do respeito que deve ter dentro de uma instituição de ensino. A política na instituição não é a política do município, né? Essa política da agressão, não passa por aí. Tô dizendo porque eu tenho essa... um pouco da veia política. Eu fui candidato a prefeito de Ouro Preto. Na eleição passada, eu tive mais de 15 mil votos, fui segundo

colocado, é, devo ser candidato a prefeito nesta eleição deste ano. Tô muito bem nas pesquisas e tal, então eu tenho essa coisa da **política** também, da política **partidária**. Uma coisa mais ideológica, mas que eu, na verdade, nunca levei isso pra escola. Lá dentro da escola, né, eu sempre fiz um outro tipo de discussão, mas lógico que não dá muito pra separar uma coisa da outra. Você tem uma visão... eu tenho uma visão mais progressista, né, sempre fui... tive uma linha um pouco mais de esquerda. Sem ser radical, né, mas uma visão mais socialista, mas nunca levei isso pra escola. Acho que não é lá, acho que o debate não é ali. Ali é um campo plural com todas as ideias... A gente tem que conviver pra construir. Mexer com educação que é a coisa mais importante que nós temos pra fazer nesse país, né.

Douglas: Muito bacana aqui. Caio, num dado momento, na sua primeira pergunta, você chegou até a definir os Institutos Federais, né, como a maior revolução do Ensino Técnico no Brasil ou que virá a ser a maior revolução. Então eu queria entender assim, aí pegando especificamente o IFMG, na sua opinião, o que que é o Instituto Federal de Minas Gerais, o que que significa o IFMG? E qual seria a sua visão da proposta institucional do IFMG? Que que você vê como papel desse Instituto?

Caio: É. Pra mim é o seguinte, onde que tá a revolução? Todos nós, vocês são mais jovens, mas nós não tínhamos cursos... curso de Engenharia no interior. Se você quisesse fazer Engenharia, você tinha que ir pra Belo Horizonte. O Instituto Federal, não só o IFMG, mas no Brasil inteiro, você vai lá no interior do Amazonas, lá tem uma escola de Engenharia lá. Então você levou, você deu **oportunidade** de fazer um curso de Engenharia na área tecnológica para jovens do Brasil inteiro que não tinham essa chance. Então a grande função, eu acho que a grande contribuição que o Instituto está dando e **vai dar** para o Brasil é dar oportunidade pros jovens do Brasil inteiro, nos lugares mais afastados, né, que eles possam ter acesso a um Ensino Superior **de qualidade**. De qualidade. Nós tínhamos, é, nesse 2007, imagina... nós tínhamos ali, saía do Ensino Médio em torno de 8 milhões de alunos, não é? E nós tínhamos, nas vagas na universidade, tanto a pública quanto a privada, em torno de 1 milhão. Então naquele momento, 7 milhões de estudantes brasileiros que saíam do Ensino Médio, né, eles não tinham oportunidade de ingressar porque não tinham vaga no curso superior. Então, nós víamos com duas vertentes. Primeiro, um país que **precisa** industrializar, e tinha só 20 escolas industriais. Nós tínhamos alunos que estavam saindo do Ensino Médio, né, **7 milhões** de alunos saindo do Ensino Médio e que não tinham vaga no Ensino Superior,

e o Ensino Superior que tinha, né, ainda é um pouco fora da realidade, né, nunca na área de Engenharia. Você tinha quase 90% dos cursos ofertados aí nas universidades privadas. Cursos muito mais na área de humanas. Da administração, da área de humanas, da pedagogia, pouquíssimos cursos de Engenharia. Com pouquíssimas vagas nas áreas médicas também. Então acho que essa era a grande contribuição, você criar vagas pro Ensino Superior, você criar mais, além da própria expansão universitária. Foram criadas 12 universidades, né? Não sei quantos campus de universidade, deve ter sido mais 100 também... 140 ou 150, não lembro exatamente quantos, né? E nós, a rede federal, essa expansão da rede federal, é, os Institutos Federais, mais de 600 *campi*, quase 700 *campi* e hoje, e todos esses *campi* espalhados no Brasil inteiro. Você imagina... quantas cidades tem o Brasil? 5550 cidades, uma coisa assim, né? Quando você fala em 600, 700, né, você tem quase que uma universidade... o Instituto Federal é quase que uma universidade, é quase que uma universidade pra cada 10 cidades. É uma coisa razoável! É uma coisa bastante razoável pra tentar atender várias regiões que não tinham **chance nenhuma**. O aluno que nasce **lá** no norte de Minas, naqueles cantões lá no norte de Minas, que cê precisa formá-lo. A chance dele vir pra cidade, dele vir pra Belo Horizonte, era muito pequena. Então acho que **essa** é a grande dos Institutos, **a grande** contribuição. Eu, é **lógico**, a pressão era grande demais, a pressão contrária era muito grande. Os próprios sindicatos. O SINASEFE, né? O SINASEFE que é o nosso sindicato lá no coiso... durante **todo o processo** de construção sempre foi contra. E o discurso era um discurso... as pessoas que ficaram contra, era um discurso de: “vai dividir o bolo, porque você vai criar, você vai criar muito campus. Muitos *campi*, você vai dividir o bolo, então vai banalizar”. Então não entenderam, eles não entenderam que nós temos que criar vaga, nós temos que ter uma vaga pra cada estudante, e o estudante tem que ter oportunidade. Não vai dividir nada. Tanto não é verdade que dividiu, né, que o orçamento do MEC, ele foi multiplicando! Ele foi multiplicando, né? Eu pego lá o campus de Ouro Preto, né, quando eu assumi, o Campus de Ouro Preto devia um orçamento de uns 2, 3 milhões. Quando terminou o mandato eram 40! Então a escola cresce, né, mas o orçamento cresceu na mesma proporção no país inteiro. Então foi muito difícil, é muito difícil porque as pessoas são egoístas, né? As pessoas, é... acham, né. O cara reclamava assim: “Não, porque a gente não consegue aumento... a gente não vai conseguir ter aumento de salário porque tem gente demais, não vai dar”. E esquece... ele esquece que ele entrou. Hoje ele tá na instituição, ele, né... vocês que estão aí hoje, vocês dois entraram já no IFMG, né? No Instituto Federal, quer dizer, só vieram fazer parte porque foi criado o Instituto. Porque tinha pouquíssimas vagas. Imagina, nós criamos, no Brasil inteiro, vamos por 600 aí, né? 600 *campi*, cada *campi* com **60**

professores. Com 40, esse *campi* pequeno. No início, 60 professores e 40 técnico-administrativos, então em torno de **100 pessoas**. 100 profissionais de nível superior. De repente entra, é... 600 vezes 100, né? Você vai ter o quê? 60.000 pessoas trabalhando, que não teriam oportunidade numa outra realidade. Então, ao mesmo tempo que você abre oportunidade, né, pro jovem, ...pro jovem é inclusão social! Pega um jovem lá dos cantões que vai ter oportunidade de fazer uma Engenharia, de fazer um... eu falo muito Engenharia porque os Institutos são muito na área tecnológica. E, lógico que tem alguma coisa na área de humanas, mas ele foi muito focado, o objetivo era muito focado na área das Engenharias. E tem uma, além de dar oportunidade para que os jovens brasileiros, né, **ingressarem** no curso superior, ingressarem no curso técnico. Fizessem também seu mestrado, seu doutorado, aprendessem uma profissão, porque o objetivo sempre foi isso, da educação inicial e continuada **até** o doutorado, você militar em todas as áreas para tentar diminuir esse **déficit** que nós tínhamos e temos até hoje. Hoje a gente não tá sentindo tanto aí porque o país tá em crise. O país não tá crescendo e tal, mas a importância do Instituto Federal, aí a gente vai, não é só a gente que vai enxergar não, o Brasil vai enxergar a importância do Instituto Federal para o nosso desenvolvimento, não tenho dúvida nenhuma.

Denis: Ô Caio, pra você que participou dessa instituição desde o momento da sua fundação, agora, lembrando esse seu percurso, né, e aí agora passados 12 anos, qual que é o balanço que pode ser feito aí pensar naquele primeiro momento, é, mudou alguma coisa de lá para cá?

Caio: Mudou, mudou. Só que é o seguinte, eu vi, é, infelizmente você tem um grande projeto, mas pra viabilizar tem pessoas, né. A grande dificuldade é a gestão de pessoas, você administrar as pessoas, o que o pessoal pensa... Eu vejo hoje, né, que o objetivo inicial é ter uma instituição fortalecida, apoderada. Você ter um somatório de potencialidades, né, para você ter uma instituição bastante forte. O que significa isso? Por exemplo, você pegar lá o **campus de Ouro Preto**, o campus de Ouro Preto sozinho, dificilmente conseguiria fazer lá, um doutorado. Porque não teria o quadro suficiente de professores, questão de laboratório, etc. Mas se somar os professores de Ouro Preto, o laboratório de Ouro Preto com os de Bambuí, com Formiga, com Valadares, com Congonhas, com Lafaiete, com **todos os campi**, você consegue, dentro desse quadro aí, né, você monta o curso que a gente quiser. A gente fica forte. Se a gente tiver unido, se a gente usar essa força nossa, a gente pode, né, o céu é o limite. Nós começamos, eu lembro, ainda eu como reitor, nós aprovamos o mestrado, o

mestrado que começou a funcionar em Bambuí. Então, tinha professores de Bambuí, professores de Formiga, professores de Ouro Preto, e me parece que de Sabará também, não me lembro. Então **essa era a ideia, essa era a ideia**. Você usando isso aí... Eu preciso, imagina, tem um professor de Ouro Preto que tá fazendo uma pesquisa, qualquer... eu falo muito Ouro Preto porque eu sou de Ouro Preto, mas um professor lá de São João Evangelista, ele tá fazendo uma pesquisa. Mas ele precisa lá do equipamento, precisa do laboratório que tem lá em Bambuí. Ele vai pra Bambuí e usa o laboratório, é dele também. Era essa a ideia. É o que eu acho que se perdeu. Até por questão política, a gente sempre teve uma dificuldade, porque cria a instituição primeiro desse tamanho. Mas ela foi criada a partir do somatório de instituições antigas, de antigas autarquias. O caso nosso do IFMG foi a fusão, foi criado inicialmente com a fusão do CEFET de Bambuí, que é uma escola agrícola, que era uma escola basicamente agrícola; da escola agrotécnica federal de São João Evangelista e do CEFET/Ouro Preto. Então nós aqui, uma escola industrial, né, e o CEFET/Bambuí e a agrotécnica de São João Evangelista, escolas agrícolas, né, com uma visão totalmente diferente. A **própria visão**, né, se você for... quando vocês forem estudar, né, a questão da agrotécnica, o **modelo** pedagógico das agrotécnicas, né, que era uma coisa meio que de escola-fazenda. Eu tive que brigar demais, eu como diretor, como reitor, briguei demais em São João Evangelista, briguei - em Bambuí até que foi menos, né - porque lá tinha uma ideia da escola-fazenda, os alunos entravam já e a tese é que se aprende fazendo. Então o aluno, em vez de tá no laboratório, ele tava lá limpando cocô de vaca, né. Ele tava lá roçando pasto, tudo isso, o aluno [inaudível: 00:48:01] ia tirar leite, né. Essa era a ideia inicial da escola agrotécnica. Que nós éramos contra, eu era totalmente contra. Então tinha essa coisa. Como tinham **concepções** diferentes, **visões pedagógicas** diferentes, né, nós tivemos sempre um certo embate. E uma disputa política, inclusive. Tanto que, quando forma, quando funde essa escola e cria o Instituto, o ministro tinha que escolher um reitor, um reitor *pro tempore*, né. E como foi em todos os lugares, ele teria que escolher, né, um dos três diretores, eu, diretor do CEFET/Ouro Preto, tinha o professor Kléber, que hoje é o reitor, ele era o diretor da agrotécnica de São João Evangelista, né, e o professor Flávio Godinho, que era o diretor do CEFET de Bambuí. Escolher um desses três. Ele me escolheu, eu fui escolhido, mas o professor Kléber, na época, ele tinha interesse, ele queria ser também. Tanto que durante os 8 anos que eu fui reitor, ele ficou meio na oposição, tinha uma coisa assim, de disputa. Na minha recondução como reitor, teve o processo eleitoral. O processo de escolha... eu disputei a eleição com o Kléber. Então ficou aquela coisa, que Ouro Preto... parece que Ouro Preto tinha dominado politicamente, mas **não houve nada disso**, né? O próprio Kléber fez o

discurso na época da campanha dele, das duas campanhas dele, ou três, né, que eu beneficiava Ouro Preto. Aí vinha “vamos juntar todo mundo pra tirar o poder de Ouro Preto”. Então essa disputa, **essa disputa** política do Kléber... Não, não estou criticando o Kléber, não, tô só... a disputa política, né, dos *campi* com Ouro Preto. Isso fez... eu acho que quebrou um pouco, mas **isso vai recuperar**. Acho que quebrou um pouco essa coisa do espírito de corpo, de uma instituição única, de co-irmãs mesmo, de trocar coisas... Ficou uma coisa... tanto que, olha que loucura, na última eleição agora, quem acompanhou, na recondução do professor Kleber, acho que ele não teve voto nenhum, teve um ou dois votos em Ouro Preto, uma escola que tem 300 e tantos funcionários e professor e técnico-administrativo. Ele tomou um banho lá. Como é que um candidato a reitor, quer dizer, na reeleição dele, não ter voto nenhum? Significa que tem uma **ruptura**, né, que tem um embate. Isso é ruim. Eu acho que a própria questão da eleição, eu tenho hoje de uma forma muito clara, todo processo eleitoral dentro de uma instituição de ensino, ele é ruim no final, né. Porque no pós-eleitoral, as pessoas se dividem, a escola não pode dividir. Ela não pode ter cor. A escola tem que ser uma coisa mais *una*. Poderia ter algum processo de escolha, tinha que ser uma coisa mais simplificada, menos partidária, uma coisa pra não deixar sequela. Então **essa sequela**, principalmente a sequela eleitoral, né, dos processos, dividiu um pouco. Mas eu acho que as pessoas tem hoje um discurso, eu vejo alguns professores... coisa maluca, viu, coisa maluca: “não, nós temos que separar o... nós tamo... eles tão... existe muita, é... retaliação com Ouro Preto e nós temos que separar, né?” Um dia um professor falou assim: “nós temos que ser colégio de aplicação da UFMG”. Então uma **loucura**, começa a viajar, pô... né? Não... porque **não entenderam**... Aí o professor já não tá entendendo o **tamanho da instituição**, o IFMG, da forma que tá concebido. Se a gente tiver juízo e conduzir de uma forma a coisa, a gente **só vai ser menor** que a UFMG. A gente vai ser maior que a Universidade Federal de Viçosa. Então, é uma instituição **muito robusta**. A gente vai chegar a ter, a hora que tiver, terminar essa implantação, nós vamos ter aí 25.000 alunos. É uma instituição de 25.000 alunos, uma instituição apoderada, que vai ter uma força política, lógico, na educação, **extremamente** grande. Uma coisa é você representar uma instituição de 25.000 alunos, e outra é representar uma escolinha em Ouro Preto que tem lá 2.000 alunos, que tem lá 170 professores... **É uma outra história**. O poder de barganha, barganha no bom sentido, de negociação para conseguir recursos: “Ah, eu quero montar aqui... quero fazer um polo de inovação tecnológica, a gente quer fazer um projeto de pesquisa aqui, eu preciso de 4, 5, 10 milhões para montar um laboratório e não sei o quê”. Uma coisa é uma escola lá do interior, de São João Evangelista, pedir, né? Buscar esse recurso, ter poder para captar esse

recurso, e outra é uma instituição de 25.000 alunos, que tem 35 cursos de Engenharia, que tem mestrado, tem doutorado, **é outra história!** É outra história. Imagina o seguinte, todos nós professores sempre reclamamos disso, dos recursos da FAPEMIG e não sei o quê. No final, quem que pega a parte boa? É a UFMG, uai. Sempre, né? A distribuição de recursos para pesquisa... primeiro a UFMG pega e o que sobra vai sobrar pras pequenas! E é isso mesmo! É isso mesmo. Então quanto mais forte a gente for, quanto mais apoderado a gente for, né, melhor vai ser pra todo mundo, pra comunidade... Mas as pessoas não enxergam, porque entra no bairrismo. Aí mistura a instituição com o reitor que foi de Ouro Preto ou o reitor que é de São João Evangelista. Mas, assim, todos nós somos inteligentes e vai chegar o momento que as pessoas vão enxergar isso aí, vão esquecer essas bobagens. E a escola, a instituição, ela vai seguir, né, vai cumprir sua vocação de efetivar mesmo a grande instituição de ensino no Brasil, **não tenho dúvida nenhuma**, dúvida nenhuma.

Douglas: Muito bacana, Caio. Você já chegou a falar um pouquinho sobre isso, né, da criação dos Institutos Federais lá no 29 de dezembro de 2008, e eu queria que você pudesse, se possível, aprofundar um pouquinho pra gente **como foi** a criação desses Institutos, como se deu essas discussões e como se... até chegar à prática efetivamente da criação deles.

Caio: Foi uma briga muito grande, foi uma briga muito grande. Primeiro, que eu falei antes, da concepção, da própria concepção... Cada um tinha uma imagem, uma imagem diferente. Nós ficamos, quem capitaneou isso mesmo foi o CONCEFET, que era o Conselho dos Diretores dos CEFETs. Então eram os CEFETs, em torno de 35 CEFETs no Brasil inteiro, entre os CEFETs agrícolas e os industriais, nós ficamos aí **um ano e meio**, mais ou menos, fazendo essa discussão, né. Primeiro da concepção, a minuta da lei, pra chegar num acordo, pra deixar... Tinha que negociar o tempo todo. Tinha que negociar o tempo todo com o Ministério da Educação e com a Casa Civil, inclusive tem uma questão que foi a maior briga talvez que nós tivemos aí, maior briga. Que hoje não tem muita consequência, mas vai chegar o momento aí, que os órgãos de controle vão começar a cobrar dos reitores, tanto nós quanto da universidade. Tanto na expansão da universidade, quanto na criação da rede, quanto à expansão, que foi um acordo que nós tivemos que assinar. Todo mundo, todos os reitores de universidades, né, e os reitores também do Instituto Federal, teve que assinar lá um termo de acordo, meio draconiano, então **nós brigamos muito**. O Instituto demorou uns seis meses para ser criado porque nós não concordávamos em assinar, porque tinham umas questões lá

que ia medir **número de alunos**, número de alunos que tinha que ter **por professor**, que tinha que cumprir, tinham as metas a se cumprir. É, chamava, termo de acordos e metas. No caso, a universidade tinha que ter, né, uma média de 18 alunos por professor. No nosso caso do Instituto Federal, 20 alunos por professor. Na lei de criação, os campi foram criados pra ter o seguinte: 60 professores, 40 técnicos-administrativos e 1200 alunos. Então, sempre 20 alunos por professor. Então, tem outras questões que a gente teve que extrair. Essa foi a grande briga. Você vê aí a universidade, a expansão que a universidade teve, o REUNI, né? Também os reitores das universidades brigaram muito com eles. A média na universidade era muito menor. A universidade sempre teve uma média, né, pra fazer ensino, pesquisa e extensão. Não dá para o cara dar 20 aulas, 22 aulas. Então a universidade sempre trabalhou com uma média de 8. Aí lá no REUNI jogou pra 16. Então foi uma briga, né, muito difícil. Mas no final todos nós assinamos, a universidade assinou com 16. Nós dos Institutos Federais, nós assinamos o acordo de metas em 20, 20 alunos por professor. E tinha outras questões também lá, teve vários outros pontos também. Assinamos, mas nunca foi cobrado também não. Não chegou a ser cobrado ainda porque as escolas todas, no meu período mesmo, até 2015, todos os *campi*... Eu praticamente criei todos os *campi*, fora os três que já existiam, o resto fui eu que criei. Só que não dava muito pra discutir a questão dessa relação aluno-professor porque a escola estava em implantação, né. Você tem lá 60 professores, mas tem lá 3 turmas ainda. Então, no início, a média, a relação ainda é muito pequena. Então quando os órgãos de controle, né, eles te cobravam, eles nos cobravam, falavam: “mas peraí, a escola, ela vai ser implantada mesmo daqui a 6, 7 anos, que ela vai ter... aumenta a plenitude, aí dá pra cobrar”. Não sei como que tá hoje, mas tivemos **várias**, mas muitas dificuldades nesse processo aí. Tem a pressão política, etc., da própria comunidade.

Denis: Ô Caio, continuando nesses desafios aí e... questões levantadas nesse primeiro momento, é, quais foram esses, se conseguir discorrer mais sobre esses desafios pra gente e outras questões que eu vou te levantar, como que é essa proposta de criação do IF chegou, por exemplo, no local? Naquele local que você aí, à época, você tava de diretor do CEFET de Ouro Preto, como que a notícia chega no local?

Caio: Olha, as três instituições que nós tínhamos, né? Que era o que consolidava... Você tinha Ouro Preto, né, desde 44, o CEFET Bambuí, que essa semana tá fazendo 52 anos, a agrotécnica também de São João Evangelista, deve ter uns 40 para 50 anos também de

história. **Inicialmente**, as pessoas não acreditavam muito naquilo, e internamente, poucos se envolveram, muito poucos se envolveram, muito poucos. É, achava... A gente falava assim... Porque naquele momento, na verdade, era uma coisa bem de cima pra baixo. Não tinha como ficar fora do processo. O CEFET de Belo Horizonte e o CEFET do Rio de Janeiro, né, não quiseram entrar na transformação e eles pagaram, né, um preço muito alto por isso. Durante muitos anos, pelo menos o período que eu fiquei em Brasília, que eu fiquei e coisa, o CEFET do Rio e o CEFET de Belo Horizonte, eles foram retaliados **aos 8 anos**. Todo ministro, o Haddad retaliava, né, depois o Paim que era o secretário-executivo, era um homem poderoso no MEC, de distribuição de recursos. Na liberação de vagas de professores pra concurso, eles passaram **a pão e água**. Então não existia, né... O caso de Ouro Preto, o caso de São João Evangelista e do CEFET, todo mundo tinha consciência que não dava pra peitar. Falar assim: “eu não vou aderir a esse projeto do governo, eu vou continuar como CEFET”? Como é que ia ficar só um CEFET? Uma escola pequeninha, fora da rede. Numa rede em extinção. Ia passar, ia tá fora? Ia morrer à míngua. Então não tinha essa opção, ou vai, ou vai. Mas mesmo assim, as pessoas tendo essa consciência... Tanto que o CEFET/BambuÍ queria, a agrotécnica de São João não queria inicialmente. As agrotécnicas **todas**, elas não queriam aderir ao sistema, não queria. Elas queriam continuar. Aliás, a briga das agrotécnicas na época, ao mesmo tempo que nós do CEFET, né, ficamos lá de agosto de 2007 até julho... até dezembro de 2008, discutindo a criação do Instituto, a agrotécnica **não participou**. Praticamente não participou. Eles começam a aparecer um ano depois, acho que agosto de 2008 pra setembro. Eles começam a aparecer por uma pressão muito grande do ministro. Porque eles queriam... Eles ficaram **um ano** ainda esperneando porque eles queriam ser transformados em CEFET. A agrotécnica queria virar CEFET. O governo tava acabando com o CEFET, transformando o CEFET em Instituto Federal e a agrotécnica queria dar esse passo. Eles achavam, né, que se eles entrassem na rede - não falava Instituto Federal ainda -, mas se eles entrassem no Instituto Federal, eles seriam engolidos. Porque a gente, o CEFET, politicamente era mais forte. Aquela coisa, sempre teve uma briga política entre a agrotécnica, pelo modelo deles, e a escola industrial, o CEFET. Então tinha uma divisão. Tanto que eles tinham os Conselhos, eram diferentes. Tinha o Conselho das agrotécnicas e o Conselho dos Dirigentes dos CEFETs. Então foi muito difícil. Foi muito difícil. Aí, na marra, não tinha muita escolha, o ministro... As agrotécnicas eram pequenas, eles tinham, né, uma necessidade grande de crescimento. Pra ter uma ideia, era o seguinte, a escola de Bambuí, primeiro a escola de São João Evangelista, a Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, em 2007, foi... até 2008, eles tinham 29 professores. As escolas agrotécnicas, quando elas foram criadas pelo

Brasil inteiro, foi na década de 60... 67, 68, 69, mais ou menos, que foram criadas as agrotécnicas, quase todas as agrotécnicas, foram criadas 20, é... liberou pra eles 29 vagas de professores e eles ficaram **20 anos**, né, **mais de 20 anos** com 29 professores, né? Então você imagina, como é que você faz uma escola, né, quem conhece aí, você tem uma escola de... São João Evangelista mesmo, é uma escola lá... são 180 hectares. É **uma fazenda** dentro da cidade, com vários prédios, laboratórios e etc. E com 29, 29 professores. Então o que que a gente tinha que fazer. Eles tinham que fazer, eles tinham lá o ensino, o ensino técnico, mas não tinha professor de matemática, de física, de química, não tinha. Os 29 que tinham lá, todos já eram... Aliás, todo mundo era da Engenharia Agrícola. Era um curso agrícola. Então, eles tinham um convênio, todas, do Brasil inteiro, pra funcionar aquela escola agrícola, eles faziam um convênio com o Estado. E o Estado entrava com a parte propedêutica. Então você tinha, na mesma instituição, convivendo ali, né, os professores da agrotécnica, que inclusive ganhavam um salário melhor, um salário da rede federal. E você tinha ali a rede estadual, convivendo ali. Como é que você faz? Como é que você consegue viabilizar um projeto pedagógico se você tem dois grupos completamente diferentes de professores. Então eles tinham, eles queriam virar CEFET, né, pra se apoderar, pra ter mais vagas, né, pra ter mais coisas. Aí o governo falou assim: “Ó, essa coisa de virar CEFET não existe”. Não vai virar, né. “O CEFET vai entrar em extinção”. Só conseguiu peitar, de CEFET, foi só o CEFET de Belo Horizonte e o CEFET do Rio de Janeiro. E colocou, né, a faca no pescoço das agrotécnicas. Falou assim: “Olha, se virar, é, campus do Instituto Federal, né, nós vamos liberar mais 30 vagas pra cada. Pra cada agrotécnica, de professor, mais não sei quantas vagas, vai ter recurso pra isso, recurso para aquilo. **Senão**, vai passar a pão e água”. Foi nesse nível, a discussão era nesse nível. Não tinha, né, não dava pra ter questão ideológica, ou vai, ou vai [risos]. Ou vai, ou vai. E eles foram. Aí muito a contragosto, lá em agosto ou setembro de 2008, eles começam a aderir, começam a participar com a gente, com **muita** restrição. Se achando sempre o patinho feio, não tinha nada a ver. Sempre aquela coisa, e juntou. E acho que deu certo. Deu certo. É, eles tinham razão numa coisa. Na verdade, quando foi que eles iam ser engolidos politicamente? É, quando foram escolhidos os reitores, **todos os reitores** foram do CEFET. A não ser no caso da criação do Instituto lá na Bahia, né? E em Santa Catarina também que foi uma fusão só de agrotécnicas que gerou o Instituto do... esqueci, do sul de Santa Catarina, esqueci o nome do Instituto agora, fugiu o nome. Então, como era só agrotécnicas, que deram origem, o reitor era um ex-diretor de uma agrotécnica. Lá na Bahia também, o Instituto Federal Baiano, que foi também uma fusão, né, que a origem é uma fusão de agrotécnicas, também o diretor, ele era um reitor

que foi de agrotécnica. O resto, tudo foi realmente de CEFET. Mostra que eles tinham razão. Que existia uma briga política mesmo, de peso político. Mas depois isso muda, não tem sentido. Tanto que hoje o Kléber, que é de uma escola agrícola, é o nosso reitor. Não muda nada. Isso tudo é bobagem, o tempo todo vai apagando isso. Isso é uma briga momentaneamente, uma **visão** momentaneamente que a gente não devia ter. Mas nós somos seres humanos, que tem as vaidades e todas as questões, a gente sabe, não tem jeito.

Denis: Nesse, é... só uma outra questão pra ser colocada aqui, nesse processo aí de adesão das três escolas, das três principais escolas aí, é, de Bambuí, São João Evangelista e de Ouro Preto, é, teve adesão ao IFMG, teve um edital pra criação disso?

Caio: Teve.

Denis: Pra essa adesão, e, no caso, por exemplo, que você falou que os reitores que foram escolhidos eram do CEFET. Como que surgiu essa oportunidade?

Caio: Tá. Era por adesão. Inicialmente, era o seguinte, que eu falei anteriormente, ia ser criado um Instituto por Estado. Então nós lideramos, eu mesmo, mais dois diretores do CEFET Minas, nós brigamos muito politicamente e fomos... A gente ia no ministro, conversava, aí: “um não dá, um é muito pouco, tem que ser três”. No final, criou 4, o ministro concordava com 4. Quando começou, né, um edital. Então ia por adesão. Então começou, começaram, dentro das direções das agrotécnicas e dos CEFETs, começaram as discussões pra montar as propostas. Quatro instituições, tá? Quatro Institutos. Quando começaram essas discussões, aí começa a força política, e ninguém queria ficar com a gente. Ninguém queria ficar com o CEFET Ouro Preto. Porque achava que, como a gente era maior - que a gente era o segundo CEFET de Minas, o primeiro era o CEFET Belo Horizonte -, tava fora. E o segundo, o segundo de tamanho, era o CEFET de Ouro Preto. “Ah, nós não queremos ficar com ele por questão política”. Enfim, olha a loucura. E começa a criar, eles começam a criar. Colocam um grupo, junta, né, e cria uma reitoria, uma proposta do edital, que era uma reitoria em que a reitoria seria em Pouso Alegre. Seria um... como é que chamava? Era o Instituto Federal Centro-Sul, era uma coisa assim, né? Que seriam aquelas três agrotécnicas lá no sul de Minas, que é Muzambinho, Machado e... como é que chama lá, gente? A maior lá, é... fugiu o nome. As três agrotécnicas lá no sul de Minas... **Inconfidentes**, né? É,

Muzambinho, Inconfidentes e Machado, essas três federais, né, se juntaram. É, seria com a gente, com Ouro Preto, Bambuí, São João Evangelista, Formiga, que era um campus, Congonhas, que era uma UNED, uma unidade de Ouro Preto, formariam um Instituto. Eles trabalharam politicamente, né, com deputado deles e coisa, jogando essa reitoria pra **Pouso Alegre**. Pra Pouso Alegre, que pra nós era inviável, eu achava isso inviável, não ia funcionar. Então, nós ficamos sem... falei: “Aí eu não vou. Desse jeito, eu não vou, tô fora”. Aí eu fiz um projeto na época colocando só Ouro Preto. Eu fiz um projeto, né, neste edital, você entrava, tinha o edital, você entrava com um projeto. Eu entrei com um projeto colocando que é o IFMG, que é hoje o IFMG, a reitoria em Belo Horizonte. E seríamos nós e Congonhas. Congonhas era uma unidade nossa. Era uma unidade do CEFET Ouro Preto, chamava UNED na época, era uma unidade distante. E... **que é uma loucura**. Você imagina, você criar um Instituto e reitoria em Belo Horizonte, não é, com dois câmpus apenas, Ouro Preto e coisa? Aí o ministro me liga, um dia, me liga, ficou quase uma três horas, o Haddad, quase três horas no telefone comigo: “Você é maluco, não pode fazer isso porque..., aí é uma...” Nós entramos com **cinco propostas**. Tinha quatro vagas, né? Depois de toda a discussão, tinha quatro vagas e cinco propostas. Aí eu expliquei: “Ô ministro, é, porque assim, a grande discussão nossa é que vai, é, que vai ter a expansão da rede, que vai ter a expansão da rede. O objetivo nosso é atender o desenvolvimento, né, da indústria, em todos os rincões aí, inclusive Minas Gerais. Um Instituto, é, que tem uma sede... Nós não somos o menor Instituto”, eu falava pro Haddad, falava “Haddad..., não, Haddad não”, professor Haddad, né? [risos] “Professor Haddad, nós não tamo fazendo uma proposta de ser o menor Instituto, pelo contrário. Nós temos a proposta de ser **o maior** Instituto de Minas, na verdade, um dos maiores do Brasil, porque a gente vai estar localizado em Belo Horizonte”. “Onde todo...” Aí eu falei de toda... Na época tinha um investimento na parte de Mineração, desenvolvimento de indústria lá, de quase **15 bilhões** no entorno de Belo Horizonte. Falei assim: “Olha, nós vamos expandir, vamos criar campus no entorno de Belo Horizonte aqui, aonde que precisa..” Em Betim não tinha uma escola técnica, em Contagem não tinha, né? Em Sabará... E todos nós criamos, só o que nós criamos no entorno de Belo Horizonte. “Nós vamos ser o maior. Nós somos hoje momentaneamente o menor, mas a gente vai ser o maior”, e foi naquela discussão. Ele já não tinha paciência mais, que ele batia e eu batia de cá, batia e eu batia e coisa, aí ele passa... Aí ele falou assim: “Mas só vocês dois não tem jeito”. Nós e Congonhas. “Isso não tem jeito! Vou passar aqui pro... chamava Rubim, é, fugiu o nome dele agora, fugiu o nome dele aqui, que era um dos secretários do MEC, cara poderoso. Ele era funcionário de carreira do Ministério do Planejamento e, nesses 8 anos, ele era muito ligado

ao Paim. Um cara muito, é, fugiu o primeiro nome dele. Ele foi depois diretor da EMBRAPPI, ele foi secretário-executivo do Ministério do Planejamento, um cara de uma cabeça muito grande e tinha um **peso político**, uma força muito grande com as agrotécnicas. Ele passa pro Haddad, passa pro Rubi, né, e o Rubi fala assim: “Ô Caio, o ministro não abre mão não, não abre mão. Você tem que arrumar mais algumas unidades, duas não dá, pelo menos umas quatro”. Eu falei: “Olha, chama São João Evangelista, uai. Você que manda”, ainda brinquei com ele. “Você que manda nas agrotécnicas mesmo, vai lá e põe a faca neles lá, uai, manda eles vim pra cá”. “Então pode deixar que eu vou falar”. Ele ligou pro Kléber na mesma hora. O Kléber, né, já tava aquela história também de ir lá pra Pouso Alegre, mas você imagina, São João Evangelista, né, e a reitoria ser lá em Pouso Alegre. Quando falou na reitoria em Belo Horizonte, o Kléber topou. Mas com certeza a conversa, né, do Rubi com ele, não foi uma conversa amistosa, ele não conversava, né. Conversava de faca na bota [risos]. Faca no dente. É, e então São João veio. O Kléber me liga também: “Não, eu aceito”, aí mas tinha toda umas questões, “nós vamos ter que dividir o poder”, tinha umas conversas meio malucas do mundo, tá. E, Bambuí, que não queria ficar com a gente de jeito nenhum, que na verdade, Bambuí queria articular esse grupo que eu falei, que a reitoria passou a ser Pouso Alegre. Queria articular, mas pra reitoria ser lá em Bambuí. Como ele não conseguiu, ele viu que a reitoria em Pouso Alegre, é, ia ser muito pior que Belo Horizonte, né, o Kléber manda um... o Kléber... O Flávio Godinho manda um grupo lá pra negociar comigo. Falou assim: “A gente topa ir com você”. Então foi uma coisa desse nível. Aí a gente que era menor, aí ficou com quatro unidades, quatro unidades, que era Ouro Preto... Quatro não, **cinco unidades**, que era... Ficou Bambuí e Formiga - Formiga era uma unidade que tava sendo construída, tava no início, não tinha nem prédio, não tinha nada, tava começando o campus de Formiga -, Ouro Preto com Congonhas, com a unidade lá, e São João Evangelista. Então a gente começou com cinco unidades, naquele momento. Mas de qualquer maneira era a quinta proposta. Só tinham quatro. Iam criar quatro e tinha a quinta proposta com cinco. Aí depois dessa conversa com o ministro, que ele perdeu o saco mesmo [risos], falou: “Ah, vamos criar o quinto”, e criou. E aí começa o Instituto exatamente. Então, uma coisa meio maluca, né? Aí de cinco, realmente, hoje a gente tem 20. Acho que é 20, me parece, né? E a gente era o menorzinho, era o de dois, hoje a gente é o maior, maior de Minas [risos].

Douglas: Ô Caio, nessa ainda na onda dessa linha, de como os três campi se juntaram, como que você vê quais foram os principais desafios, principalmente desafios aí que você colocou,

políticos, os desafios institucionais, mas também de realidades completamente distintas, porque São João, uma escola agrotécnica, Bambuí era, né, ligada à questão agrária, sul de Minas ali, né, transição ali Centro-Oeste?

Caio: É...

Douglas: Sul de Minas, e cada um já tinha uma história muito longa e uma autonomia própria. Então quais foram os principais desafios de unir essas três realidades, tanto regionais quanto institucionais, enfim, tão díspares?

Caio: É, ô Douglas, a **primeira** dificuldade, vocês vão rir, pouca gente sabe disso, é... a **primeira reunião que nós tivemos**, primeira reunião que nós tivemos, entre os três diretores. Tava começando a criar, você começa a formatar pra entrar com o projeto lá, com outro projeto em Brasília, é... entre eu, o Kléber, que é o atual reitor, e o professor Flávio Godinho. Os dois, o Kléber e o Flávio Godinho, eles fizeram um documento para que eu assinasse o documento, né. Nós três íamos assinar, os dois já tinham assinado e eles vêm e trazem. Me trouxeram o documento assinado. Já existia na época a questão de um campus que ia ser criado em Valadares, que era uma unidade do CEFET Minas, mas que já tinha sido criado no papel, mas não tinha saído ainda. Tava aquela coisa, já tava mais ou menos definido que Valadares, assim que fosse criado, ia ser criado no IFMG. Eles elaboraram um documento, né, pra eu assinar, que era... **mas nesse nível**, exatamente, com outras palavras, mas era isso, a gente se comprometendo ao seguinte, o Kleber ia mandar em Governador Valadares, o Flávio Godinho ia mandar em Bambuí e Formiga, e eu ia mandar em Ouro Preto e Congonhas [risos]. Como é que você cria uma instituição desse jeito? Vocês ficaram malucos, né, gente? Isso não existe. Você não vai começar uma instituição, né, ela dividida dessa maneira. Então a ideia era essa. Não existia uma unidade no início, ele não começou com uma unidade, com o mesmo projeto. Todo mundo vai sair junto, não tinha isso. O que tinha, na verdade, era uma coisa meio de poder, de disputa. Eles não querendo perder a questão da autarquia, do poder que tinham como autarquia. **Poder nenhum**, eles não tinham nem dinheiro [risos]. Um orçamento desse tamanhinho, não tinha. Mas então essas foram as dificuldades. A dificuldade foi muito política, de realidades diferentes. Completamente diferentes, e as pessoas com uma visão também completamente diferentes. Mas depois vai acertando.

Denis: E do ponto de vista assim da gestão, né? Você pegar essas escolas com realidades completamente diferentes, né, que nem você falou. É, dá pra situar aí o que que manteve assim, do ponto de vista da gestão, inalterado, que pertencia a essas escolas e a grande transformação ao se inserir como IFMG?

Caio: Olha, o que que nós fizemos? Eu acho que foi o grande momento do Instituto foi esse. Nós fizemos o seguinte: olha, nós temos que criar um modelo de gestão. Isso aqui é, a instituição é única. Esse fato inicial aí, de cada um querer mandar numa... já fatiar, antes de começar, o poder já tá fatiado. Que não ia dar certo, a proposta não era essa. Eu entendi o seguinte, nós temos que criar **um modelo de gestão** pra essa instituição. Se ele uniformizar, né, criar os processos, discutir os processos. Nós ficamos o primeiro mandato inteiro, nós ficamos criando, desenhando **todos os processos**. Todos os processos. Desde a matrícula, do pedido, tudo. Nós implantamos um sistema de gestão, não sei nem se usa ainda, de software, que é o Conecta. É o Conecta ainda? Vocês usam Conecta, né? Foi a implantação do Conecta, né? Nós fizemos uma licitação, contratamos uma empresa, que é a TOTVS, né? A TOTVS ganhou a licitação pra informatizar todos os *campi*. E implantar o modelo de gestão. Então foi treinamento, fomos mexendo. Aí entrou na cultura. Foi no momento de criar uma cultura do Instituto. Quando você uniformiza procedimentos, né, todo mundo sabe qual é o processo, como é que funciona, como é que vai. Na verdade, nós criamos uma espécie de um orçamento participativo, a gente criou o centro de custo, na época, nós criamos... acho que, nesses campus todos, acho que era 430, 440 centros de custo. Então, cada, o departamento lá, a coordenação de Química lá de São João Evangelista é um centro de custo, né? Agora, além dessa visão dessa gestão de ser centro de custo, ali que definia como é que vai dividir o orçamento, como é que vai gastar, vai definir. Então nós interligamos uma rede, nós interligamos a rede toda, a reitoria nos processos, né, de forma a **democratizar** a questão da aplicação do orçamento. Agora não era só o orçamento, era a participação das pessoas também. Então isso aí, né, foi a ferramenta que nós utilizamos. Você cria um modelo de gestão e as culturas antigas, né, elas vão, **naturalmente**, elas vão sendo afastadas. E fica, e cria uma instituição que seja, é, que seja uniforme. Que seja robusta, mas que seja também uniforme. Nós tínhamos briga grande, briga, por exemplo, nós tínhamos um recurso muito bom nos primeiros anos pra **assistência estudantil**, né. Nós tínhamos uma visão pra assistência estudantil que é... Lá em São João tinha diferente, tinha diferente. Então falei: não,

o critério tem que ser o mesmo. O recurso, uma parte do recurso de São João Evangelista, né, tem que oferecer o mínimo de tantas bolsas proporcional ao que oferece Ouro Preto. E fomos criando. Ou seja, tinha uma política **do Instituto**, não era a política do campus. O campus podia falar: “Ah, não, eu não vou dar bolsa de vale transporte, de assistência transporte pro nosso aluno porque ele não precisa”. Não, você vai dar sim, porque tem aluno que mora lá em uma cidade um pouco mais longe, que precisa. Então era a política do Instituto e não a política de todos os campus. Então você foi, a gente foi uniformizando. Não sei como é que tá hoje. Eu lembro que a minha sucessão, a discussão, porque **eu centralizei**. O meu projeto, o meu projeto de gestão, você tinha uma **centralização da execução**. Porque não tem sentido você fazer licitação pra comprar folha lá em São João Evangelista, lá em Bambuí, lá em Ouro Preto. Primeiro, do ponto de vista até **legal**, você fazer licitações separadas, como é que você faz licitação pra comprar papel em Bambuí e pagou 10, né, e faz uma licitação lá em São João e pagou **12**, como é que cê vai explicar isso pros órgãos de controle e tal. Então o que que a gente fez? É, a gente tinha uma **execução, execução, centralizada** na reitoria. Mas uma decisão descentralizada. Quem decidia onde ia gastar e como ia gastar, na verdade, era o campus. Era o campus. Só que as pessoas não entendiam, a dificuldade é colocar isso na cabeça. Ficava parecendo que nós estávamos querendo juntar, trazer pra mim a gestão, que eu era **centralizador**, né? É, me chamavam de... teve um processo lá: “É um feitor, é o reitor feitor” e não sei o quê, “que centraliza tudo e não deixa a gente fazer nada, que manda em tudo”. Na verdade, não era, né? A gente fez assim: centralizava dentro de um propósito. Tem uma coisa interessante. Eu lembro uma vez que o diretor, até de Bambuí, de Bambuí, chega no final do ano, ele queria fazer um **curso pra professores**. Um curso de **um dia**, um curso de um dia... **uma semana**. Um curso de qualificação lá, contrataram uma empresa lá, acho que é três dias de curso, 300 e tantos mil reais. Aí manda, entrava lá no Conecta, fazia o pedido, chega pra mim o pedido de manhã. E eu liguei pra ele, falei assim: “Mas 300 mil, um curso?” Coisa assim de 28 de dezembro, 29 de dezembro. Aí ele fala: “É, porque o dinheiro é nosso”. Falei: “O dinheiro não é seu não, o dinheiro é do Instituto”. Lá em Sabará tava precisando do recurso, eu passei o dinheiro pro coiso, porque essa era a discussão que a gente fazia. A gente decide se o recurso é de São João Evangelista, é de Bambuí ou de [inaudível: 01:25:17], mas aplicado dentro da lógica, da lógica do próprio Instituto. Quem define, né, a aplicação é a necessidade. Então [inaudível 01:25:31], aí, na minha saída, a grande discussão que teve na minha saída, o que polarizou a conversa entre o Arthur, né, grande amigo, faleceu, não sei se vocês conheceram, foi diretor de Ouro Preto, é, na disputa dele com o Kléber, o tempo todo era a questão da **descentralização**. Até a discussão era pra

descentralizar. Eu acho que isso que foi feito. Na verdade, a descentralização é um caos porque os campus não tem nem... não consegue fazer uma licitação, não consegue um, não tem **gente** pra fazer isso, não tem competência pra fazer. Principalmente os campi novos. Eu lembro, quando eu assumi a direção do CEFET Ouro Preto, a dificuldade, você comprar às vezes um tubo de ensaio, ficava seis meses lá porque você não conseguia fazer um termo de referência. O cara mandava assim, “Compra pra mim um tubo de ensaio”, dando um exemplo. Mas que tubo de ensaio? É de vidro, que tamanho que ele é, né? É de vidro, é de ferro? O cara que mexe com compras lá, que tá mexendo com isso, ele não sabe, você tem que dar especificação pra ele. E tem todos os processos que a pessoa não conhece. Então é muito mais fácil, muito mais profissional, você **centralizar** essa operação. Que que centralizava? Que que a gente fez questão de centralizar? Algumas decisões pedagógicas você tem que uniformizar dentro do Instituto, e a questão da operação. Agora, as decisões mesmo, quem decide, quem decidia era o centro de custos. O centro de custos era uma célula da democracia. Aí você tem um orçamento, você tem um orçamento pro campus. Por exemplo, vamos supor, ah, a parte de investimento esse ano pro campus é de 4 milhões . Aí cada centro de custo faz o seu orçamento. Aí o cara lá do departamento lá de Física, né, ele faz um orçamento lá que ele vai gastar 4 milhões. Aí o outro lá, do outro departamento, vai gastar 6, o outro vai gastar não sei quê, aí no final eles chegam à conclusão que, somando o que cada um pediu, é muito mais do que 4. Não dá. Então eles entram em contato, quebram o pau, né, um enforca o outro. Mostra prioridades, discute prioridades, fala: “Não, então eu vou pegar tanto”. É democracia. Democracia na divisão do orçamento, com o que você tem ali. Isso que a gente queria implantar, que a gente tentou implantar e... não consegue, não conseguiu, acho que não conseguiu. Funcionou muito bem nos 8 anos que eu fiquei lá, acho que funcionava bem. Funcionava bem, mas sempre uma certa insatisfação, parecendo que eu ficava segurando. Na verdade, eles decidiam tudo e parecia que eu centralizava. E quando **descentralizou**, né, houve grande dificuldade, pessoal comprando coisa, porque você não tem nem controle de almoxarifado, sem controle, comprando coisa a mais do que precisa. Compra porque o cara não se dá às vezes ao trabalho, não tem... porque não é profissional. Você pega o professor, você chega pro professor assim: “O que você vai precisar ano que vem pro seu laboratório?”. Ele vai lá no almoxarifado da escola pra saber quantos vidros que ele tem de ácido sulfúrico? Vai nada. “Eu preciso de tanto de ácido sulfúrico”! Às vezes tem lá. Às vezes o cara faz um pedido, a escola compra, compra coisa que tem lá, tá lá no almoxarifado, no próprio departamento dele. Isso se você não tiver um controle, na hora de você fazer isso, tem que centralizar, você centralizar a gestão disso aí. Mas as pessoas nem

sempre entendem, então... Tanto que foi interessantíssimo que, na minha sucessão, tanto o Arthur, meu amigo Arthur, que era candidato, não é? Na minha sucessão ele fez um discurso que era pra **descentralização**, ou seja, contrário a mim. Eu o apoiava e o discurso dele era contra o meu modo, meu modelo de gestão. E o Kleber também entrando, fazendo o mesmo discurso! Falava: “Arthur, mas você não pode ser... você tem que ser antagônico, Arthur! Os dois são oposição, uai? Um tem que ser situação, defendendo!” [risos]. Mas é isso, ser humano, né. Nós somos complicados. A gente é muito... pra quê simplificar se a gente pode complicar [risos].

Douglas: Nesse sentido aí, até da organização que você falou, especificamente Ouro Preto, que que você percebeu com a implantação do IFMG? Tipo assim, que que mudou e que que é muito específico de Ouro Preto que permanece lá, que é muito difícil de mudar, de repente uma determinada cultura? E o que que a institucionalização do IFMG mudou, por exemplo, especificamente, tô perguntando de Ouro Preto porque você era, claro, o diretor de lá na época que se transformou em IFMG?

Caio: Olha, o que mudou, eu acho o seguinte, o que mudou principalmente foi de recursos. Foi recurso pra trabalhar! É o caso de Ouro Preto e todos os outros, aumentou o número de professores, isso foi uma coisa ótima. E tudo que pediram. A grande verdade... Ouro Preto tem um MEV, né, tudo que pediu de laboratório, todos os laboratórios que o pessoal quis, que fez proposta, que fez projeto, em Ouro Preto, em Bambuí. Eu lembro em Bambuí, **em Bambuí**, eu fui uma vez lá em Bambuí, em um dia só, nós inauguramos **32 laboratórios**. 32 num dia! Eu fui lá como reitor, Flávio tava lá... Então tinha recurso. Foi um momento da história, um momento da história que não faltou dinheiro. Não faltava recurso, não faltava recurso. O céu era o limite. Nós tínhamos um orçamento, uma dificuldade, mas você fazia um projeto: “ah, vou montar aqui um curso de mestrado e preciso montar um laboratório de... não sei de que lá e coisa que que precisa”. Fazia a relação e a gente ia no MEC falando de trabalho lá, justificava para o que era e conseguia o recurso, sempre conseguia o recurso. Então isso mudou. A forma da escola... a gente vivia, né, a gente tava saindo, no final, né, dos anos 2000, nós passamos 8 anos com Fernando Henrique Cardoso, vocês **não tem ideia**, vocês não tem ideia! Não tinha nada, na escola não tinha nada, nas universidades não tinha nada, nos CEFETs não tinha nada, escola técnica não tinha nada! Era pão e água. Aquela coisa de, não cortava luz, não cortava luz porque a CEMIG não ia cortar luz de uma

instituição federal, né. Fazia aquele corpo mole e coisa, não cortava. Não tinha dinheiro pra absolutamente nada, ninguém saía pra fazer nada, você não tinha diário, não tinha, não tinha nada. Passamos 8 anos, né, do FHC, o Itamar também, né não foi bom, não foi bom pra nós, em termos de recurso. Então quando a gente entra naquele momento do CEFET, depois Instituto Federal, naquela coisa... Gente, recurso era... Não faltou **nada**. Tudo que você imaginar, tudo que nós imaginamos, lógico, dentro duma coisa que era plausível, consenso e tal, dinheiro não faltou. Você fazia uma reforma, ficava **anos** pra você conseguir fazer lá um puxadinho lá. Eu lembro lá, no meu departamento de Química mesmo lá em Ouro Preto, né, nós ficamos anos, mais de anos reivindicando que tinha, nós tínhamos lá... no nosso departamento eram 12 professores e tinha 2 mulheres. 2? É... 3 mulheres! E só tinha um banheiro, né, na nossa sala, o sistema lá em Ouro Preto, tem uma sala só e ficam todos os professores numa sala. É por área. E a reivindicação era fazer um banheiro, uma obra de 6 metros, 6 metros quadrados, 2 metros e meio quadrados, e não conseguia fazer, não tinha dinheiro. Eles falavam que não tinha dinheiro. Você imagina o nível que era... Aí, de repente, quando você entra, tudo que você imagina: “ah, mas quanto custa... alguém quer lá o MEV, o microscópio lá de varredura? Quanto custa? 600 mil? Compre!” Então tudo que precisou comprar, né, porque educação é caro mesmo, **educação é caro**, você tem que investir mesmo, né? Eu lembro, em Congonhas, os laboratórios de Congonhas, lá da Mecânica, devem ter ficado uns 6 milhões, 7 milhões, mais ou menos, né? É um investimento **altíssimo**, né? Altíssimo. E tinha o recurso. Eu lembro que já tinha um ano que tava montado o laboratório de Congonhas. Lembrei de Congonhas agora, já tinha um ano, chega uma reclamação, mas lá na reitoria, **chega na reitoria** uma reclamação que não tinha aula prática lá em Congonhas. Um pai foi lá na reitoria reclamar que não tinha, o filho tava fazendo um curso técnico em Mecânica e que não tinha [inaudível 01:34:11] ainda. Não tinha [inaudível 01:34:13] como? Como é que ele não foi no [inaudível 01:34:15]? Na época do laboratório, nós compramos 6 fornos, 6! E eu fiquei doido, não pode um negócio desse. Fui lá. Chego lá em Ouro Preto... em Congonhas, o coordenador da área era o Fabrício, né? Vocês conheceram Fabrício, professor Fabrício de Congonhas, muito bacana. Fabrício falou: “ah, não dá, a gente não consegue dar aula prática mesmo aqui”. Lá tinha um grande problema, em Congonhas, um grande problema. Lá tinha, na época, 62 professores, mais ou menos, e 60 moravam em Belo Horizonte. 60. Tinha um que morava em Lafaiete e outro que morava, né... Você mora em onde, hein? Lafaiete?

Pablo: Na época, eu cumpri o que o senhor mandou. Você falou que era pra morar perto, eu morei em Lafaiete. [risos]

Caio: Lafaiete, né? Então era o Pablo em Lafaiete e como que chama a da Física lá que morava em Ouro Branco?

Pablo: A Viviene, professora Viviene.

Caio: Viviene, que era de Ouro Branco. Então, pra morar em Belo Horizonte e você fazer uma aula, eu achava que era isso, você montar uma aula de laboratório, o professor tem que estar lá, né? Tem que chegar cedo, montar o laboratório. Eu falei até com o Fabrício na época, o Fabrício. “Não, não é nada disso e tal. O problema aqui é a carga elétrica, a energia aqui ela não dá conta e tal.” O que que precisa? Ele falou assim: “precisa montar uma subestação”. Não tem uma subestação? Uma subestação e coisa... Ah, quanto que custa? Vai ficar uns 300 mil reais, então vamo fazer!. Fizemos a subestação. Então **tudo que pedia!** **Tudo que pedia** a gente conseguia recurso e conseguia fazer, então foi um momento único. Eu falo assim, olha, eu fui um bom reitor, mas eu brinco com os meus amigos. Fui bom reitor? Fui, mas porque foi fácil. Porque tinha dinheiro. Você administrar com dinheiro é fácil, o duro é, vai administrar sem dinheiro lá hoje. O Kléber tá passando o pão que o diabo... deve tá comendo o pão que o diabo amassou, porque não tem recurso. Você, todo dia aí, cortou recurso disso, daquilo... hoje a dificuldade é muito maior, né? Talvez a gente esteja vivendo a época do Fernando Henrique Cardoso. Naquela... recurso muito regrado e tudo. Na minha época, não. Por isso que criou esse tanto de campus. Eu criei, né, lá pra 20, fazia e coisa... “Esse cara é um grande gestor”. Não, não é grande gestor, é porque teve recurso. A comunidade reúne, fala assim: “nós queremos...” Implantamos sistema de gestão, esse sistema de gestão, o Conecta. Não é comprar um software e usar, **não é isso**. Você tinha que criar, né, desenhar os processos e criar uma cultura. Quer dizer, você tem que treinar as pessoas, uma grande coisa. Aquilo foi um projeto de 4 milhões. É dinheiro pra caramba, pô! **4 milhões** pra implantar um sistema. Onde que você ia arrumar isso, é, no governo do FHC? **Nunca** que ia arrumar. Onde que ia arrumar hoje também? Nunca ia arrumar. Quer dizer, foi um momento que as pessoas tavam imbuídas, que o projeto era um projeto realmente de Estado, que as pessoas vinham, os deputados, todo mundo queria um campus e começaram a ser... Congresso, a gente chegava no Congresso Nacional, ia na Comissão de Educação e

coisa, a gente era recebido lá assim, porque **todo mundo queria**, todo deputado queria, todo prefeito queria levar um campus lá pra sua região. Então a gente tava realmente apoderado. A gente tava na... todo mundo entendia que o Instituto era uma instituição importante. Então, a gente deitava e rolava também, falava: “eu quero isso, quero aquilo”. Era pedido e o governo deu. E fez certo. E lá, a escola de Congonhas mesmo, quando eu assumi a escola de Congonhas, dia 14 de agosto, **14 de agosto**, eu tomo posse em Brasília, como diretor do CEFET, e no dia 16 de agosto, quer dizer, dois dias depois, [...] acho que foi numa sexta-feira, se eu não me engano, foi a inauguração de Congonhas. Inaugurou o campus de Congonhas, que só tinha aquele prédio lá, só tinha um prédio, a sala de aula, com 11 salas de aula, só aquele primeiro prédio. E **embaixo**, naquela parte e coisa, **tudo de terra, era tudo de terra**, só tinha aquela parte, aquele auditório pequeno, aquele auditório lá cabe, eu acho que, 70 pessoas, 80 pessoas, as 11 salas, uma pequena secretaria e era aquilo lá. Então nós tivemos que fazer **tudo, tudo que tá ali** foi a gente que construiu, foi mexendo e tal. Aí ele falou assim: “foi difícil?”. Ah! Eu fui lá na inauguração, falei assim... o Lula foi na inauguração, foi vários ministros, prefeitos da região, lotado, e os prefeitos tudo conversando, de Lafaiete, de Ouro Branco, todo mundo querendo também aquilo. Era uma febre. Então, eu lembro, eu fiz um discurso lá na posse, o Lula fez, o outro fez, o prefeito fez, e eu vendo aquele coisa tudo de terra... Não tinha nada, você imagina, não tem uma sala, um laboratório, não tinha nada, falei: “meu deus do céu!”. E eu começando, não tinha noção daquilo de... Sabia que não tinha dinheiro lá no CEFET Ouro Preto, sabia que não tinha dinheiro para nada, a gente não conseguia comprar nada, tava começando ainda. E foi muito fácil. Só não fez tudo que precisava... porque não as coisas não dão tempo, a estação e coisa, mas quase tudo. É, eu acho que, lá em Congonhas a escola é bem montada. É uma escola bem montada. Falta, né? Falta... tem bons laboratórios, ficou uma estrutura muito bacana. Agora, foi... para ter uma ideia. como era tão fácil, a gente começou, vem as demandas, começamos a construir e viu que... vimos que o terreno não dava, que o terreno da escola não dava. Eu fui no prefeito, falei pro prefeito, o prefeito era Anderson Cabido, que era o prefeito da época, né? É... “Não dá”. Eles tinham doado pra nós 12 mil metros quadrados quando eu assumi lá. Falei: “não dá, a escola precisa expandir, a escola vai precisar crescer”. Ele falou... Era um loteamento lá, ele **desapropriou**, a prefeitura desapropriou uma parte, **mais de 20 mil metros quadrados**, né? E doou para nós, onde pôde fazer a expansão da escola. Então **todo mundo** queria ajudar, o prefeito queria ajudar, o governo queria ajudar. Todo mundo, então foi fácil. Então, por isso que a administração fica mais ou menos... Tinha dinheiro, tinha recurso, tinha boa vontade das pessoas.

Denis: Ô Caio, e em relação, por exemplo, aos projetos? Por exemplo, a Escola Técnica Federal de Ouro Preto tinha, em 2002, é, se...

Caio: Cefetizado...

Denis: virado CEFET... [trecho de difícil compreensão]

Caio: Cefetizado.

Denis: Isso. E em 2008, é, se tornado IFMG. Qual que é a percepção desses dois projetos? Assim, seja a sua, seja localmente também, né.

Caio: As pessoas sentiram, foi exatamente, a mudança... O CEFET, a mudança de Escola Técnica pra CEFET, no caso de Ouro Preto, mudou muito pouca coisa. A grande briga para se transformar em CEFET é que o orçamento melhorava, o orçamento ia melhorar e a gente ia poder trabalhar também os cursos superiores. Mas o caso de Ouro Preto não teve muita mudança porque, como eu falei no início, como a nossa vocação era a mesma da Universidade, os cursos, a nossa área, a mesma da Engenharia da Universidade, da antiga escola de Minas. A gente não conseguiu aproveitar, não conseguiu aproveitar aquela condição de CEFET. É tentamos criar, uma das discussões, porque você criava a proposta, era também um edital, o CEFET era também um edital, e um dos pré-requisitos lá pra cefetização, você tinha que ter dois projetos de curso superior. Dois projetos de curso superior e não ia ter vaga de professor, não. Com os mesmos professores que nós tínhamos lá na Escola Técnica, você conseguia criar dois cursos superiores, né? E então imagina a dificuldade que tinha, porque até o professor da Edificações, o que que ele pensa? Qual é a capacidade dele de montar uma... a gente pode montar um curso de Engenharia Civil? Como é que eu vou entrar com um projeto de Engenharia Civil se a UFOP tem aqui do lado? E foi então essa foi a dificuldade. Aí criou... Então quando cria o CEFET, nós criamos, o curso que foi criado, o curso foi o curso de Conservação e Restauo, né? Tecnologia em Conservação e Restauo que a Universidade não tinha, né? Que é um curso que é uma mistura da Arquitetura com Engenharia Civil, na parte de materiais ali, que não tinha, e...

Mas o pós, o pós criação, esses cinco anos, de 2002 a 2007, ficou uma coisa que **mudou muito pouco**, mudou muito pouco, porque... não foi nada que... o curso superior, continua sendo um CEFET, continua sendo um CEFET que tinha lá um curso superior ... Mudou muito pouca coisa. Quando chega o IFMG, é outra coisa porque no IF, o Instituto, o Instituto era o seguinte, 50% das vagas pra curso técnico e 50% das vagas pra curso superior, já começa por aí, né. Você tem uma... é uma universidade e escola técnica juntas. Então, muda tudo. Muda tudo. Aí começa as pessoas já a viajar, é... então mudou tudo. Em termos de concepção é uma outra escola. Quando você vê os dois casos, a gente tem mais recursos, primeiro o orçamento multiplicou por 10 pelo menos. O que tinha em Ouro Preto em 2007 e o que tem hoje em Ouro Preto em termos de orçamento federal que vem lá, é **dez vezes** mais. Além de que a questão do orçamento, isso é o mais importante, é **muito** importante, o orçamento é fundamental em uma escola, você tem dinheiro, você faz as coisas [inaudível 01:44:15]. Então isso aí é meio... um projeto. A disponibilidade de recursos, materiais, **vagas**. De cara, não é, nós conseguimos... Quando passa pelo campus, já tinha aquela questão, era uma espécie quase de barganha mesmo, aquela coisa... nós tínhamos **30 vagas** a mais, **30 vagas** de professores. Então a escola começa a expandir, a escola começa a expandir. Então a gente sai lá de 1.300 a 1.400 alunos, mais ou menos, pra não sei quanto que tem hoje, deve ter uns 4.000 alunos, mais ou menos. Então começa a expandir a rede. Foi isso. Sempre muito difícil, sempre muito difícil porque sempre a gente vai mexer com pessoas. E mexer com professor, com professor a gente sabe que não é fácil [risos]. Não é fácil [risos]. Professor é uma... não sabia disso, fiquei lá quarenta anos, não sabia... Como diretor, reitor, o professor vai na sala da gente, chora, **chora**, porque ele brigou com um colega dele lá, por causa do computador do laboratório, não sei o quê. A gente... porque nós, professores, a gente passa uma vida, a gente não tem chefe, a gente não tá acostumado a ter chefe. A gente não tá acostumado, a gente é dono da... se nós fechamos a porta do laboratório, fechou a porta da sala de aula, ali a gente é Deus. A relação é nossa com o aluno mesmo, você cria, fala o que você achar que é interessante, você viaja e tal, e ninguém, se você for um professor responsável, não tem diretor de departamento, não tem reitor, não tem ninguém que te amola. E então, com esse espírito livre, a gente é muito sensível também é muito cheio de “dói-me-dói”, né. Tudo machuca, tudo melindra a gente, tudo tem coisa, tudo a gente fantasia, a gente cria um monstro que não existe, que tem perseguição e tal. Então, não é fácil administrar professor, não é fácil [inaudível 01:46:10]. Eu tenho um caso engraçadíssimo, mas engraçadíssimo, é... uma cidade ali perto de Bambuí, esqueci o nome da cidade agora, fugiu o nome da cidade... de **Iguatama**! Chama-se Iguatama. E tinha um

professor lá, um professor... o prefeito da cidade veio me procurar. Esse prefeito, ele chamava “Mané Doido”, “**Mané Doido**”, o prefeito, doido mesmo [risos]. O prefeito, ele criou lá, ele criou uma escola de Biologia na prefeitura. **Na prefeitura**, ele criou um Ensino Superior, um curso de Biologia lá. Ele fez um convênio na época com o IFMG e montou os laboratórios lá. Iguatama tá na nascente do São Francisco ali, um lugar muito bacana, muito bacana. E o “Mané Doido” mesmo lá, teve um problema lá, é, que começou a morrer os peixes da cidade, lá, no São Francisco. Então deu uma, tava morrendo peixe demais, aí ele vai na escola, isso ele me contando, ele vai na escola e pediu ajuda pros professores pra resolver aquele problema. **Aí me procurou**. Por que ele me procurou? Ele chegou, bateu na... Ele chegou na... eu era diretor do CEFET/Ouro Preto ainda, ele entra na... não, já era reitor já, a reitoria tava em Ouro Preto nessa época, ele entra na minha sala e fala assim: “Professor, eu tô vindo aqui meio desanimado, porque eu vejo, é... que é mais fácil fazer um acordo com 100 putas do que um professor”. Aí eu [risos] eu arregalei o olho, arregalei o olho [risos], aí ele começa... mas é doido mesmo [risos], é doido! Aí ele foi me contar, que esse caso lá da... [risos] os peixes morrendo, ele foi atrás do professor, pro professor resolver lá. Aí eles pediam o seguinte, um dia precisava dum jipe, dum não sei o quê, aí comprava o jipe. Depois precisava dum barco, depois precisava não sei o quê do laboratório, depois precisava de não sei o quê, aí tinha que arrumar não sei o quê, não sei quantos bolsistas, precisava não sei o quê, depois não sei quê... e os peixes morrendo! [risos curtos] “Não tem jeito, eu desisti, aí eu desisti”. [risos] Aí depois veio buscar ajuda nossa. Mas já falou de cara assim, que “é melhor acordo com 100 putas do que um... do que um professor” [risos]. Porque, nós somos professor, nós sabemos que é difícil mesmo, né? [risos] Ô gente, olha, podia falar isso? Depois vai ficar registrado uma bobagem dessa, né? [risos]

Douglas: Ô, total liberdade, Caio, pode ficar tranquilo aí. Nesse sentido, você até comentou da reitoria aí, a reitoria ficou em BH, né? O lugar que apesar da gente ter câmpus na grande BH, mas em Belo Horizonte mesmo, não há campus. Como que se chegou, né, se houve negociação ou não, enfim, como que se chegou à questão da reitoria em Belo Horizonte, a instalação da reitoria lá?

Caio: Foi a questão, foi... o IFMG foi criado por isso. Foi a forma que nós encontramos pra **todas as capitais**, todas as capitais teriam uma reitoria. Teriam uma sede de um Instituto Federal. O **único** lugar que não teria seria Minas Gerais. Todos. SP, RJ... Todas as capitais já

tinham criado na... eu sabia dos projetos e ia ter nas capitais. Como é que você não vai ter Minas Gerais, né? Então, o fato nosso de ir pra Belo Horizonte, de ser Belo Horizonte, porque a gente podia ter ido pra Juiz de Fora, por exemplo, pra outra área. O Belo Horizonte foi na época, foi o argumento que nós.. primeiro que é centralizado mesmo, a gente sabia que a tendência... nós tá ali na região central. Que ia desenvolver. Aliás, desenvolveu até menos do que eu esperava. Ia desenvolver muitos campus no entorno de Belo Horizonte. Então foi... Eu, no projeto, eu coloco Belo Horizonte exatamente como moeda forte de troca. Falei: “olha”, falei pro Haddad, falei: “ó, professor, como é que você vai ter Instituto Federal em Minas Gerais se não tem uma reitoria em Belo Horizonte, né? Isso não tem sentido. Então foi mais por isso. Mas poderia ter feito, eu poderia ter batido, por exemplo, uma reitoria ser em Ouro Preto, até no projeto, quando era Ouro Preto e Congonhas. O mais factível é que fosse a reitoria, ou em Congonhas, ou em Ouro Preto, seria muito mais fácil do ponto de vista administrativo **daquele momento**. Mas a nossa argumentação era um projeto do Instituto pro futuro. Que dê... ia ter como hoje, 20 *campi*. Você imagina hoje, onde deveria ser? Nós temos, no entorno de Congonhas ali, nós temos Ouro Branco, nós temos Congonhas, nós temos Lafaiete. Tem aqui Ouro Preto, nós temos Ponte Nova. Só no entorno aqui. Depois você vai em Belo Horizonte, você tem Sabará, você tem Betim, você tem Ribeirão das Neves, você tem Ibirité. Então toda, é, tudo em torno de BH. Então é muito mais fácil e centralizada a reitoria, Belo Horizonte é o melhor local pra nós, não tenho dúvida, né? Então o que nós pensávamos lá atrás, apesar de ter sido uma forma de pressionar pra aprovação do nosso projeto no edital, como o Denis disse, mas era a lógica, questão de lógica, tinha que ser BH mesmo.

Denis: Você falando aí da dificuldade, né, de chegar no denominador comum com as pessoas, com os nossos professores e tal, e aí eu queria perguntar pra você, é, durante a sua gestão, você ficou dois mandatos como reitor, qual foi a decisão mais difícil que você tomou e, também, qual foi aquela decisão que você mais se orgulha, porque você avaliou aquilo melhor, a conjuntura, e aí você mais se orgulha?

Pablo: Ô Denis, eu posso fazer uma pergunta para o professor Caio? Só um... só na esteira do professor Douglas?

Denis: Fica à vontade, Pablo.

Pablo: Professor Caio, é, uma questão, é, uma curiosidade que eu, desenvolvendo esse trabalho aí, paralelamente, ah... quando o Douglas te pergunta em relação a instalar a reitoria em Belo Horizonte, você tá ali no quintal, vamos dizer assim do...

Caio: Do CEFET.

Pablo: Do CEFET. É, eu sei que o senhor tem uma boa relação lá com o CEFET, inclusive, uma pessoa muita querida com quem eu trabalho quase toda semana, que é o professor Irlen [Irlen Antônio Gonçalves]...

Caio: Muito!

Pablo: Sempre te manda um abraço e tem um carinho enorme por você...

Caio: [inaudível 01:52:39]

Pablo: Aí, eu queria te fazer uma pergunta. Como é que o CEFET se sentiu no momento em que soube que o projeto IFMG tava entrando na capital? Houve alguma preocupação da parte deles? Como é que eles lidaram com essa sua chegada, especialmente o senhor, que tinha uma relação histórica com o CEFET?

Caio: Isso, não foi fácil, não. O Flávio, hoje, o Flávio é o Diretor do CEFET de novo, de novo. Naquele período, o Flávio era também diretor, tava no segundo mandato dele. Não, tava do primeiro pro segundo mandato dele, o Flávio. O Flávio é uma pessoa muito bem articulada politicamente, né, Flávio Santos, né? E ele foi um dos que... ele tava em rota de colisão com o MEC. Ele batia, né? Ele e o CEFET do Rio de Janeiro, batendo, que não aceitava a... Eles queriam transformar o CEFET em Universidade Tecnológica, esse era o projeto, e **continua até hoje o projeto**, continua até hoje. Só que ele tava enfraquecido, então ele não aceitava, ele não queria de forma nenhuma que a gente fosse pra BH. Foi, mexeu com os deputados, com o Virgílio Guimarães... Eu também tinha ligação com o Virgílio, com outros também. Eles tentaram breicar, tentaram breicar porque a gente tava entrando numa área

que era do CEFET e o CEFET tem mais de cem anos, pô. É uma grande instituição mesmo. A gente tava entrando realmente no quintal do CEFET [risos]. Só que eles estavam no limbo. Eles estavam no limbo, então não dava pra ter essa discussão. O CEFET não tinha, assim, não, não criou nenhuma unidade depois disso, pelo contrário, perdeu. No caso de Valadares, por exemplo. Valadares, eles perderam, passou pra gente. E **tinha perdido** já, o ministro me chamou uma vez em Brasília, pra eu assumir Contagem. E Contagem já tava bem adiantado pelo CEFET, o CEFET já estava... porque lá em Valadares, Governador Valadares, ainda não tinha começado. Tinha um projeto pronto, um projeto arquitetônico, mas não tinha começado **nada**. A prefeitura já tinha doado o terreno pro CEFET, o terreno onde, onde funciona o campus lá hoje, mas não tinha começado nada. Então esse... só avisou pro Flávio que tinha passado pro IFMG. E Congonhas, a obra tava em andamento, eles tavam construindo Congonhas, e o ministro me chamou um dia lá, falou assim: “você vai assumir, vai assumir Contagem”, foi a nossa conversa, e o Flávio querendo entrar em rota de colisão. Sempre fui muito amigo do Flávio, e, do Irlen, já era amigo do Irlen. Mas como eles tavam enfraquecidos, tava tão fraco... o CEFET tava tão fraco politicamente, que o CEFET 2, foi uma comissão do CEFET 2, os CEFET 2 hoje dão os cursos superiores, de Engenharia e tudo. Eles me procuraram, uma comissão, **o diretor do CEFET 2**, que é uma espécie de vice-diretor do CEFET 2, me procura numa comissão, aqui em Ouro Preto ainda, que eles queriam entrar no edital. Eles queriam separar do CEFET de Belo Horizonte, porque eles estavam **antevendo**, né, a dificuldade que o CEFET teria de recurso, **como teve**. Mas como teve, o CEFET **não cresceu nada**. Não tinha, saiu o edital, saía lá uma portaria de vagas pra rede federal. Aí cento e tantas vagas pro IFMG, os *campi* tavam sendo criados, então não sei quê, todo mundo tinha lá, e o CEFET/Belo Horizonte, zero. **Nada**. Nada, zero. CEFET/Rio de Janeiro, **nada**. E eles peitando. O Flávio mesmo fez coisas assim... Pra sobreviver... o CEFET, assim... o Flávio é meio maluco, de algum ponto ele precisava de um CEFET muito grande. Ele começou a trabalhar com professor substituto, porque o professor substituto, né, ele tem que ter **lastro**. É o substituto **de alguém**, né? Porque alguém sai para fazer uma pós-graduação ou ficou doente, alguma coisa, aí esse é por matrícula, exemplo: é, esse fulano daqui, professor aqui, é substituto do professor Pablo. Professor Pablo tá afastado, ele tem... Ele começou a trabalhar com essa figura do substituto erroneamente... Chegou um momento que ele chega a ter, eu não sei se é 300... 250 ou 300 professores substitutos ilegais. Um negócio maluco. Isso dava... dá improbidade administrativa, isso dá uma confusão **infernai, né?** E como o MEC batia demais, né, o MEC queria matar o CEFET. O MEC queria matar o CEFET, os dois CEFETs. O MEC resolve, né, cortar os professores substitutos. Cortou! Você

imagina uma escola perder... O CEFET devia ter 200 e, uns 300, 350 professores, mais ou menos nessa época. **Efetivo**, né? E mais 250, ia quase 600 professores. Você tira 250, você fecha a escola, pô! Você fecha os *campi*, tinha 6 *campi* funcionando. Aí fizeram passeata em Belo Horizonte, não sei o quê, o Haddad veio a Belo Horizonte, o Haddad, o ministro, veio a Belo Horizonte, vai no CEFET lá... vai o ministro, então foi uma, assim... foi um momento assim, terrível. Então, politicamente, né, eles não tinham... pergunta o, pergunta o Irlen pra você ver... É, politicamente, eles tavam queimados no MEC, então... A porteira tava aberta, então nós entramos porque a porteira tava aberta [risos]. Mas foi bacana... o Flávio foi assim, atuou muito bacana, né?

[Queda de conexão; a imagem do Caio some]

Lívia: Travou?

Douglas: Pra mim travou aqui, como é que vocês tão?

Denis: Tá travado aqui.

Lívia: Pra mim travou...

Pablo: Eu perdi também.

Lívia: Tá fluindo bem...

Pablo: Ô Denis, aí na volta você recupera a pergunta, porque não queria perder essa... eu queria entender melhor essa entrada do IF dentro da cidade de Belo Horizonte, né.

Denis: Não, fica à vontade, Pablo.

Douglas: Não, tranquilo. Mas assim, pelo menos essa quebra aconteceu quando ele tinha terminado de...

Pablo: É, ela quebrou encaixada. Só que depois até ver aí uma possibilidade da gente entrevistar o próprio Flávio, né? Pode ser bem legal.

Lívia: Sim. Eu já tinha pensado nisso desde antes dele...

Douglas: Você que tem o contato do...

Denis: Caio.

Douglas: Do Caio... Se puder mandar mensagem pra ele.

Pablo: Eu vou mandar agora.

Douglas: Ô, ô Denis, aproveitando esse, esse entrevero...Aqui, é, você fez essa questão, essa... como você percebe que foram tratadas as questões de expansão e criação, eu não vou fazer ela não, porque na prática ele já respondeu. Ele falou a questão até duma certa facilidade, duma época que você tinha recursos... Não é uma... eu acho que já foi...

Denis: Sim...

Douglas: Aí eu já vou pra 5.4...

Denis: Tranquilo.

Douglas: Que também ele já... ele já meio que respondeu, mas isso aqui eu queria ver um pouquinho mais, principalmente como ele vai abordar, né, dos campi, como foram surgindo...

Denis: Tranquilo. Sem problemas.

Douglas: Do mais, tá tudo tranquilo.

Lívia: Tá fluindo muito bem a entrevista.

Douglas: Ótimo, muito bacana mesmo.

Pablo: Sob risco de parecer tiozão, tá chuchu beleza.

Caio: Voltou agora.

Pablo: Voltou?

Douglas: Voltou.

Denis: Voltou, tinha dado...

Pablo: Tava entrando em contato aqui com o senhor, professor... Já tava quase ligando pro senhor aqui. [risos]

Caio: [risos] Eu pedi ajuda pros universitários, chamei minha filha aqui pra me ajudar aqui.

Pablo: [risos]

Douglas: Mas Caio, cê tava falando da pergunta do Pablo, me parece que cê já tava meio encaminhando pro final dela, você quer fazer algum complemento, alguma coisa ou não?

Caio: Não, é isso, é que a questão do CEFET, o CEFET de Belo Horizonte tava, assim, politicamente muito enfraquecido, muito enfraquecido, é, em rota de colisão com o MEC. E então a porteira estava aberta. A porteira aberta. Teve um caso inclusive, teve uma coisa interessante, a briga era tão grande, né, esse é um evento interessantíssimo, eu acho que ficou na história do nosso Conselho de Reitores, é, o CEFET de Belo Horizonte conseguiu um

grupo... o CEFET de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, eles conseguem um grupo de deputados, do Rio e de coisa, uma bancada muito grande, vai no ministro e vai no Lula. Marca uma reunião com o Lula e com o ministro e com eles e... pediram a Universidade Tecnológica, pra transformar, já no meio, no meio dessa briga toda aí a gente já era Instituto Federal e o ministro ficou... ficou pendurado na broxa, ele não tinha o que fazer. Ele falou assim, ele não tinha resposta, ele não tinha resposta pra dar, aquele tanto de deputado, pessoal poderoso, o Lula não era contra a Universidade Tecnológica, lógico que não era, aí o ministro fala o seguinte, falou: “olha, se o Conselho de Reitores aceitar..., não é, “eu assino a portaria e transformo”. Olha que loucura. Ele não quis falar não, não quis enfrentar, porque ele falou assim: “não, porque se vocês virarem uma Universidade Tecnológica, o CEFET lá do Espírito Santo vai querer também e de não sei o quê vai querer”, aquela coisa. Aí nós vamos pra uma reunião sem ninguém saber de nada, sem ninguém saber de nada. Nós vamos numa reunião em Recife, o Conselho de Reitores, a gente reúne em Recife, eu ia periodicamente. Quando chega nessa reunião, era muito normal o secretário ir na reunião nossa, ia na abertura, o Secretário Nacional, o Secretário da SETEC, e aí ia mais o diretor lá da SETEC, ia, fazia as discussões lá dos pontos que a gente tinha que ter no MEC, depois ia embora e a gente continuava a nossa discussão interna lá, na época. E eles trouxeram o secretário da SETEC, na época era o Getúlio, do Rio Grande do Norte, vem ele e o Rubin, que era o homem de confiança dele lá também, vai na reunião e faz a discussão, coloca essa questão da Universidade Tecnológica, o CEFET de Belo Horizonte pra ser transformado em Universidade Tecnológica, que que a gente achava. Aí começa aquela discussão lá, né, eu fiz a defesa favorável ao CEFET de Belo Horizonte, falei “olha, quem define os destinos, o futuro do CEFET de Belo Horizonte é o CEFET, o CEFET do Rio de Janeiro”... E fui favorável. E nós ganhamos, não lembro, nesse dia tinha 32 reitores, alguma coisa assim, e foi assim, foi 17 a 15, foi uma coisa meio apertada, meio dividido. Mas tava eu, o Edmundo, que era do Instituto do Rio de Janeiro, os reitores de Minas todos tavam com a gente, votou a favor do CEFET e tal. Muito bem. Quando chegou e o secretário da SETEC, isso foi de manhã, essa reunião, ele continuou. Ele ficou com o computador dele em cima da mesa, presidindo a mesa, do lado, ele trabalhando normal, não foi embora da reunião. A reunião transcorreu o dia todo, foi muito discutido. Quando chegou 6 e meia, 7 horas da noite, mais ou menos, essa reunião foi num hotel lá, no hotel mesmo, e terminou a reunião, né? O presidente do CONIF, né, na época, ele encerra a reunião, encerrou, acabou a reunião, fica aquela... sempre quando acaba a reunião fica aqueles burburinho ali, nós saímos, nós de Minas Gerais, nós saímos, fui no meu quarto, no apartamento, tomei um banho e tal, e

descemos, e fomos num restaurante lá, fomos jantar. O Flávio, que era o diretor do CEFET, o CEFET faz parte do CONIF, né? Tanto que o Irlen, o Irlen sempre participou. O Irlen quando foi o vice-diretor, o Márcio era diretor e ele era o vice, o Irlen participava de todas as reuniões, tanto que nós ficamos grandes amigos. O Irlen é um filósofo, uma pessoa duma inteligência brilhante. Além de ser um grande professor, uma pessoa muito bacana e... Mas o Flávio, nesse mesmo dia, tava tendo a reunião dos reitores da universidade lá em Recife, uma coincidência. É, e nós encontramos, todos nós, o Flávio, né, então nós encontramos nesse restaurante lá e tava todo mundo lá tomando cerveja, tomando chopp lá, isso já devia ser umas 8 da noite. E alguém, o Edmundo liga pra nós que eles tinham quando nós saímos, nós de Minas, nós saímos, o secretário, articulado com o presidente do CONIF, né, reabriu a discussão, a sessão tinha acabado, eles reabriram a discussão, pra não deixar o CEFET virar Universidade Tecnológica, abriu discussão, e ia colocar em votação! Quer dizer, tinha sido antes 17 a 15, os 5 de Minas que eram favoráveis à tese do CEFET, nós não estávamos lá, nós tínhamos saído pra jantar. Se alguém liga... o Edmundo, foi o Edmundo, liga pra mim lá no restaurante e fala: "olha, vem pra cá que eles vão votar", explicou. Nós saímos de lá, tava todo mundo bêbado, porque tinha bebido [risos], tinha lá... Aí chega, eu pego a palavra e falo pro secretário que eles queriam, aquela coisa, a gente tava mordido, na calada da noite você toma uma decisão, foi um pau, mas foi uma discussão infernal, e eu não deixei colocar em votação, não deixei. Então vamos deixar pra Brasília, a próxima reunião em Brasília que tinha lá, não sei o quê. Foi uma loucura, foi uma loucura. Aí o Flávio também estava na reunião, vem também, ele tava participando da reunião com os outros reitores, mas ele foi pra reunião também, o Flávio não tem papa na língua, foi falando e tal. Sei que conseguiu breicar aquela coisa ali, foi pra Brasília, mas perdeu. Mas o Flávio perdeu porque o ministro tinha falado que se a gente decidisse, né, ele mudaria de opinião, mas depois em Brasília, ele já foi taxativo. Foi taxativo. Muito mais o Paim, que era secretário executivo, falou assim: "enquanto a gente estiver no governo, não vai ter criação de Universidade Tecnológica". E rolo compressor mesmo... e a briga do CEFET continua até hoje, não sei se eles continuam com essa intenção ainda, como é que tá, se é um projeto da instituição, principalmente que o Flávio voltou. O Márcio ficou lá os dois mandatos e agora voltou, voltou o Flávio. Um projeto de vida dele, né, é Universidade Tecnológica, acho muito bacana, eu acho que o CEFET merece, eu acho que deveria mesmo, né? Não tenho problema nenhum, só que tem a Universidade Tecnológica do Paraná, que é uma grande Universidade Tecnológica também, não tinha nenhum problema, apesar de eu ver pouca diferença entre Universidade Tecnológica e Instituto, mas é questão de concepção a ser discutida, não é? O Irlen mesmo,

ele fica sempre meio em cima do muro, porque [inaudível 02:08:21] e tal. Ele não consegue explicar muito bem qual é a diferença, né? Mas é um projeto da comunidade do CEFET, os alunos sempre defendendo, os professores sempre defendendo e eu acho que eles têm que lutar e merece, né, conquistar pela excelência que é o CEFET/BH, é uma grande escola. Uma escola centenária e sempre tinha excelência. Sempre deu conta do recado [risos].

Denis: Ô Caio, continuando aí, é, nessa dificuldade que você tava falando aí na gestão e principalmente na gestão de pessoas e tal, eu queria saber de você qual foi a decisão, é, como gestor aí do IFMG, qual foi a decisão mais difícil que você tomou, mas que você se orgulha porque avaliou melhor conjuntura.

Caio: Ah, não lembro assim... Eram tantas decisões, foram tantas decisões que a gente tomou, não teve... A questão de gestão de pessoas, tinha muitas decisões que a gente tinha que tomar. Decisões difíceis, teve muitas que a gente teve que tomar e que não é fácil. Eu lembro que eu fui muito, mas muito pressionado, muito pressionado a dado momento, quem é da carreira sabe, até nessa época, foi uma questão lá de D1, D3, né? Que havia um salto. O professor entrava na carreira, ele passava no concurso, ele entrava na carreira e se ele tinha o mestrado, ele pulava pra D3 automaticamente, né? Ele pulava de nível, aí depois, com a criação da carreira, né, isso não foi possível mais, então o pessoal pressionava, né, pra que a gente assinasse essa progressão sem poder. Então isso foi um desgaste muito grande, mas muito grande, muito grande. E depois, aí resolveu, foi resolvida essa questão. Não teve assim **uma decisão** assim de... a maior dificuldade que eu lembro foi essa da progressão. Eu tive uma vantagem na época, é, de todos os *campi* que nós criamos, as decisões passam muito pelo colégio dirigente, eu sempre levei muito pro colégio de dirigentes, que é o colégio que vai ter... representando cada diretor de unidade, então todas as decisões importantes, né, eu sempre levei pro colégio dirigente, achava que o colégio de dirigentes era o mais importante até, não do ponto de vista da estrutura, mais importante que o Conselho Superior, o colégio dirigente que tinha que dar... conhecia cada realidade e tudo. E nós tínhamos lá, durante meus 8 anos como reitor, né, **todas as decisões** tomadas lá sempre tinha só um voto contrário que era de São João Evangelista, que era na época que fazia oposição. O resto, todas as decisões, eram todas unânimes. A proposta, então não tivemos dificuldade, não tivemos essa... Eu não era... nunca fui... eu não sou, apesar de ter fama, viu: “ah, ele é autoritário. não sei o quê”. Porque eu sou muito de tomar decisão, assim, não, eu sempre ouvi todo

mundo. Mas na hora de executar, pô... Combinou, combinou, tem que fazer, né? Na hora ia ser tudo de executar, realmente não abria mão. Tem que entrar na normativa, é assim que vai fazer. Mas, eu sempre procurei levar a gestão da forma democrática possível. Eu não tive dificuldade, né. Não tive esse embate. O único embate foi o Kléber. Não que nós fôssemos inimigos, pelo contrário, sou amigo dele, gosto dele, nós sempre tivemos uma boa relação. Agora, politicamente... Porque ele queria ser o reitor, né. E depois ele conseguiu. Reitor pelo segundo mandato. Não tem problema então, isso é normal.

Douglas: Ô... num dado momento aí você falou sobre a inauguração de Congonhas, que contou até com o presidente, e nós tivemos uma expansão assim grande, como Formiga e Congonhas em 2008, Valadares em 2009, enfim, e todos os outros. Como surgiram essas oportunidades, como eram escolhidos os locais pra se implantar um novo campus, como que era estruturada essa expansão, Caio?

Caio: É, olha, era uma questão política, era uma questão de força política. Eu tinha, tive oportunidade naquele momento, eu comecei lá em 2007, na concepção, eu assumi naturalmente uma posição de liderança em Minas Gerais, né, na discussão da criação dos institutos, também na hora de dividir os institutos, né, a gente era ouvido primeiro. Eu era ouvido primeiro. Por isso que nós saímos de 5 e virou, viramos 20. Então que que acontecia? Tinha uma pressão grande de criação dos institutos, lógico, a criação e tudo era por lei. Só criava um campus por lei. Então: “mas ah, tem um plano de expansão aqui”, aí no plano de expansão vai criar, vão criar lá 5 campus ou 10 campus de Minas Gerais. Aí os prefeitos ficavam desesperados. Prefeito, deputado e todo mundo, começava aquela romaria atrás do reitor, né, e coisa. Aí começa a articulação, todos os campus. Por exemplo, o caso de Congonhas não, porque quando entrei já tinha um campus de Congonhas, mas Ouro Branco, Ouro Branco tinha lá o padre Rogério, que era o diretor... que era o prefeito da cidade lá, então ele foi atrás do Reginaldo Lopes, deputado federal, que sempre foi muito ligado à Universidade, ao CEFET, tinha muito peso, muita força lá no Ministério da Educação, então me procurava, a gente ia junto com o ministro. Aí então tem nesses, é, campus aí, “vamo criar um lá em Congonhas, lá em Ouro Branco...” e foi indo assim. e vai criando. E foi tudo político. Quer ver um exemplo? Aí criávamos, criava uma... tinha uma lei. Quando criou a lei que criou vários *campi*, aí na hora de montar a lei, né, é, o número de professores que precisava, eles colocavam sempre uma gordura a mais. A última, na última lei que nós

tivemos, né, não sei se foi em 2011, foi a Dilma já, acho que foi 2011, colocou lá 800 professores a mais do que precisava, né? Quando criou lá Ibirité, criou Sabará, criou alguns *campi*, né, nosso aí, criou 800 professores a mais. Muito bem. Uma gordura, que não tinha campus. Qual que era a ideia do ministro quando ele fez isso, né? Era criar, criar, 20 campus, no Brasil inteiro, 20 campus avançados, 20, era 20, cada um com 40 professores. Qual que era o objetivo disso aí? Alguma cidade menor, uma cidade aí de 50 mil habitantes, de 40 mil habitantes, né, que não comportava uma grande escola, uma escola com 300 professores, né, que você fala, você montaria lá uma escola... um eixo tecnológico apenas, você imagina, você monta lá com 40 professores... Teoricamente, você pode ter 800 alunos. Então uma escola de 800 alunos, né, que você cria aí o integrado, 400 alunos no integrado aí de manhã e de tarde e 400 alunos aí num curso superior. Imagina uma engenharia, você tem 10 períodos. E 10 períodos, você tem 400 alunos. 40 turmas... 40 alunos por turma, você montava uma estrutura, você [inaudível 02:16:21] por pessoa, você fazia uma pequena escola, um pequeno campus, que a gente chamou de campus avançado. Muito bem, aí começou a briga, isso, 20 pro Brasil inteiro, começou a pressão de todo mundo, todo mundo queria um campus avançado. Aí vai, busca e tal o quê... Como é que vai criar isso? A pressão era tão grande que o secretário falou assim: “ó, vamos fazer o seguinte”, o secretário e o ministro, “Vamos criar um campus avançado, né, ao contrário, vamos começar...” porque não, começa um campus, ele vai gastar 40 professores. “Vamos começar o campus avançado com 20 professores”. Em vez de criar 20 campus com 40 professores, vamo formar 40 campus com 20 professores, que foi a concepção do campus avançado, né. E depois a gente arruma outra lei, né, e faz a complementação de professores e vai criar, tal. Aí surgiu, mas... Lafaiete é um campus avançado, Lafaiete foi criado dentro dessa concepção, com 20 professores. Não sei como é que tá hoje, se já resolveu, se já aumentou, eram 20 professores. Ponte Nova eram 20 professores, era um campus avançado. **Betim**, Betim inicialmente era um campus avançado com 20 professores, aí quando veio a lei, né, transformou Betim realmente em campus, aí tem lá os 60 professores, deve ter até mais hoje. Então foi isso, foi uma coisa meio, meio aleatória, meio política, de forçação de barra aqui, de pressão e vai... O Lula, o Lula, ele mandava realmente no governo... Você fala assim, porque tem governante que ele não manda no governo, né. O Lula mandava realmente no governo, ele ia lá... o Lula fala igual pobre na chuva, ele ia lá, foi lá, por exemplo, ele veio, ele veio a Ouro Preto. Ele veio a Ouro Preto, uma vez ele veio aqui em Ouro Preto, na Universidade, alguém falou com ele no discurso lá do palanque que a UFOP não tinha uma escola de Medicina, uma escola centenária que tem a escola de Farmácia desde 1850, né, e como é que não tem a escola de

coisa... Ele falou assim, chamou o Ministro da Saúde... o Ministro da Educação tava junto, falou assim “Ô Haddad, pode criar, eu quero que crie um curso de Medicina aqui”. Ele falava isso e tava falado, ninguém precisava falar mais, o pessoal obedecia. Aonde o Lula falava, saía tudo pra ir consertando. E então essa era pressão política, todo lugar, né. Eu lembro que nós fomos em Governador Valadares, nós fomos lá em Valadares inaugurar lá, a gente já tava com um campus lá em construção, e ia ligar... foi montado lá... ia inaugurar um Centro de Ensino a Distância da UFOP, lá em Valadares. Aí foi a Dilma, a Dilma ainda era ministra, isso foi em março, fevereiro mais ou menos, fevereiro. E a eleição ia ser tipo em 2010. A eleição ia ser em outubro, né? E eu lembro, a gente lá dentro da unidade, eu tava conversando com a Dilma, com o reitor de Juiz de Fora lá, tava junto também, tava um grupo de pessoas dentro duma sala lá conversando e coisa. De repente, chega alguém, né, junto com o prefeito, com um deputado lá, não lembro quem, eu acho que era o Patrus, acho que era o Patrus Ananias, puxando a prefeita, chega no Haddad e fala assim: “olha, o grande sonho de Governador Valadares é criar aqui um campus da Universidade Federal de Juiz de Fora”. O que tem a ver Juiz de Fora com Governador Valadares, né? “O grande sonho da cidade”. Aí o Lula falou assim: “Uai, então vamos criar”. Desse jeito, “então vamos criar! Vem cá [inaudível 02:20:00] ô Haddad, ô Haddad”. “Chama o Haddad lá, ô Haddad, você tem o compromisso de criar um campus... Ô Duque (Duque era o reitor de Juiz de Fora), você concorda com isso?”. Duque falou assim: “Tô dentro, a gente faz”. “Então você vai criar aqui um curso, um campus da Universidade”. E criou mesmo! E criou... Aí vem aquela movimentação, o Lula, aí o Lula foi pro palanque, né, e falou... Foi uma... foi o primeiro discurso, né, assim como candidato, mais ou menos como candidato da Dilma, nunca vou esquecer disso, o calor... Valadares é um calor insuportável, né? A Dilma falou lá uns 10 minutos, errou o nome da cidade... errou o nome da cidade. Primeiro falou assim: “nós tamo vindo aqui, é, do loteamento”, foi inaugurar o loteamento lá do Minha Casa Minha Vida, um... uma coisa lá que... o bairro era Coqueiral, falava: “a gente tava lá no bairro Palmeiras” e não sei o quê. Aí a turma gritando: “não, não é Palmeiras” e não sei o quê, aí ela: “ah, é!” Aí, mas não sei o quê, “mas tô muito feliz, a gente tá aqui em Juiz de Fora”. Aí, “não é Juiz de Fora!”. Tudo errado, nada tava certo! [risos] Aí o Lula salva, o Lula salva a situação falando assim: “olha, nós já acertamos ali com Haddad, com Duque, né, o reitor, o Duque, nós vamos criar aqui o campus de...” E criou. Então foi criando, a coisa era muito política. Tinha recursos, tinha dinheiro. E deu no que deu. Aí foi a expansão, o REUNI foi isso, REUNI também foi criado, uma coisa meio desordenada, meio na marra, meio coisa. Lógico,

tudo passou pelo Congresso depois, passaram pelo Congresso pra criar. Você só cria um cargo com lei e tudo. Mas foi tudo meio no improviso, né? [risos]

Denis: Falando, ô Caio, falando dessas questões políticas, agora uma política interna ao IFMG, por exemplo, a eleição de reitor ou dos diretores gerais de cada campi, como você percebe esse processo político, por exemplo, a composição de chapa, a campanha sendo feita no campus, né, as propostas, as diferentes visões sobre o que vem a ser o IFMG, o que você pode falar assim pra gente desse processo político?

Caio: O que eu acompanhei nos últimos anos, né, é uma quebra, quebra de unidade do próprio Instituto. Primeiro que eu vejo as pessoas muito, mas muito, desinteressadas. Os professores, muito desinteressados. Eles ficam... Não entra muito na disputa também não, é quase que chapa única, ninguém quer, fica uma coisa. Eu vejo as pessoas muito desinteressadas. Muito. É um momento muito difícil. É o momento mesmo, né? O governo, né, a prioridade do Governo não é a Educação, o Temer não era a Educação, né, o atual presidente também, né, com certeza a prioridade dele não é a Educação, tanto que o orçamento aí do ano que vem, né, as Forças Armadas com um orçamento maior do que o nosso, é uma coisa assim, é inconcebível. Isso não vai passar porque isso é coisa de... isso é maluquice, né, ninguém vai aceitar também, vai gritar lá. Mas, o momento é muito difícil. O momento é muito difícil. E eu... Aí as eleições, a forma, essa coisa brusca pelo poder da instituição, e a gente partidariza as eleições, isso é muito ruim, eu falei no início, isso é muito ruim pra instituição. Eu fiquei lá 40, quase 40 anos na escola, **toda eleição**, eu participei de todas as eleições, né. A primeira eleição que teve com consulta à comunidade, nós tivemos em 89, porque antes o que tinha... Como é que era a escola técnica, o CEFET, o próprio conselho, o conselho superior da instituição, né, ele reunia lá, quem é que nomeava todos os membros do conselho? Quem escolhia todos os membros do conselho? Era o diretor. Era o diretor. Ele que montava o conselho dele. Aí quando terminava o mandato, tinha que mandar uma lista tríplice pra Brasília, pro ministro. Aí quem que for... quem que montava essa lista? Esses conselhos. Aí eles se reuniam entre eles lá e escolhiam os 3 nomes. Quem que ficava primeiro? Era o diretor, era o próprio diretor. Ele que colocava todo mundo lá, uai. Tanto que o diretor meu da Escola Técnica, o professor Ronaldo Toffolo, é professor até hoje lá, foi diretor 14 anos seguidos, 14. E ia ficar 16, na verdade, ele podia ter ficado 16, só que ficou 14 porque ele renunciou. No último mandato ele tava meio doente, também cansado, ele

renunciou. Então é uma coisa muito doida. Mas ao mesmo tempo, não tinha divisão. Não tinha aquelas brigas, aquela coisa, e ele era um bom diretor, inclusive, não tinha problema. Mas **em 89**, que foi até, né, uma das últimas... Em 89, resolveu... começou todas as instituições, mas vou falar de Ouro Preto, que eu vivi isso aí, é... fez essa... começou a fazer consulta à comunidade. Aí participando os alunos, professor, o voto paritário mesmo, a Universidade tava fazendo também, aí começou. Todas as eleições que participei depois ali, sempre, você sai da eleição cheio de inimigo. Cheio de inimigo, a escola dividida... Divide a escola, divide. Porque, a gente às vezes critica, a gente é meio rede social. A pessoa tem oportunidade de usar a rede social, o cara é da rede social lá, ele fala o que ele quiser. Aquele momento, acha que ele pode falar tudo, agredir as pessoas e fazer... Então o final disso, quando passa aquele processo, fica uma coisa meio sem volta, as pessoas vão se dividindo e é ruim pra instituição. O processo de escolha, na realidade, tem que pensar, lógico que a eleição é importante, que ela é democrática. O cara também, você imagina o Bolsonaro escolhendo o diretor da nossa escola, por exemplo, é difícil. É difícil, porque ele vai colocar, ele vai procurar o mais reacionário que tem na cidade, o mais maluco que tem na cidade, e enfiar goela abaixo do jeito dele... Isso tinha na época da ditadura, era isso, colocava um fascistóide lá, né, e vira uma instituição de ensino completamente divorciada de qualquer coisa e tal. E a coisa não funciona assim. Uma universidade, primeiro você tem que ter independência. Autonomia universitária, autonomia do pensamento mesmo, da forma, da pluralidade, é isso que tem que fazer. Não pode ser de cima pra baixo. Então eu acho natural e democrático que a própria comunidade ela escolha quem vai tá naquela herança do processo e tudo. Mas nós tínhamos que escolher, pensar... Não é difícil, tô viajando, pensar uma forma que a gente não fosse pra esse tipo de embate assim, essa disputa de... Eu nunca, eu passei minha vida inteira, nunca tive... até eu ser diretor da escola, né, nunca discuti com ninguém, nunca tive uma briga. Discuti porque é normal, porque eu sou, eu sou agitado, eu falo... Nunca agredi uma pessoa, nunca tive nada nisso. Primeira eleição minha eu arrumei uns 10 inimigos, a segunda tinha uns 30 [risos] inimigo mortal, é uma coisa doida. Porque a pessoa acha que pode falar o que quiser, aí agita. Quando eu falo “as pessoas”, eu tô incluído nisso, a gente fala bobagem, às vezes faz uma crítica, né, que não devia fazer, entra num... não pode ser, não pode. Numa instituição de ensino, fica como se fosse uma eleição municipal, né? Aquele coisa de... do grito no palanque. Não pode ser isso. É muito ruim pra instituição. A instituição tem que ser unida, o nosso projeto, né, da educação é muito mais nobre do que a disputa de poder. Não pode ser... E não funciona, é uma coisa assim que eu sempre falei assim, do ponto de vista conceitual, o que me levou, o que leva cada um de nós, professores,

né, nós somos professores, o que leva a gente, é... ser professor, é porque a gente não gosta de chefe, a gente odeia chefe. Professor é porque não gosta de chefe. Fala: “ah, sou professor”. Por que você é professor? “Porque eu **detesto** chefe, detesto gente me mandando”. Aí você vai lá brigar pra mandar nos outros, pô! [risos] Você não gosta que ninguém manda em você, quer gente mandando, mandar como? [risos] É difícil! E a pessoa assume, não tem jeito, né, o cara assume uma gestão, uma responsabilidade, né, ele acaba... ele exerce! Ele tem que exercer o poder, quer dizer assim, o poder é mandar nas pessoas mesmo, né? O poder basicamente é gestão de pessoas. E aí o pau quebra, né. Com professor é difícil demais. O Mané Doido tinha razão, é difícil! [risos]

Douglas: É, Caio, ainda nessa questão aí de negociação e tudo mais, quando você era reitor, teve algum impasse ou algum problema que a reitoria teve que intervir, negociar muito com os *campi*? Como que foi? Teve algum evento que você se recorda nesse sentido?

Caio: Não foi impasse, foi muita... Porque como não faltava nada, **como não faltava nada**, não teve. Eu lembro, o único impasse que eu... o único impasse que eu tive uma vez, impasse assim, foi uma discussão, uma bobagem, eu fui fazer uma reunião em São João Evangelista. Era uma reunião do PRONATEC. Tava começando aquela questão do PRONATEC, então, não... eu fui fazer uma reunião com os prefeitos da região, tinham acho que 50 prefeitos. E eu entro na reunião, só que eu já sabia o que ia acontecer, aí entra um grupo de alunos, uns 50 alunos, tudo com... coisa de aluno, tudo com nariz de palhaço, veio com umas faixas: “cadê o nosso professor? Nós tamo sem aula porque não tem um professor”, aquela coisa, uma coisa... Só que eu já sabia que era uma coisa, uma orquestrada lá, que não tinha professor. Aí eu pedi para que eles esperassem o término da reunião, eles sentaram lá no auditório mesmo, lá e coisa... Quando terminou a reunião, eu expliquei, “ah, porque tá faltando professor!”, falei, “não tá faltando professor, pô”. O curso tinha acabado de ser criado, era um curso de Engenharia Florestal, né, aí, quando o curso foi criado, quando São João Evangelista criou o curso, né, ela colocou que tinha todos os professores, quem seria cada professor da área, tá lá o projeto do curso lá, né. Na verdade, não tinha professor. Colocou no projeto do curso, mas não tinha professor. Cria o curso, agrotécnicas sempre teve essa filosofia, não é só São João Evangelista, não. Se você conversar com o pessoal de Bambuí, vocês vão conversar, eles tinham uma máxima que é a seguinte: na gestão, você cria o problema, depois você resolve. Então eles sempre fizeram isso, cria o problema e depois resolve. Então eles: “vamos criar

um curso de Engenharia Florestal”. Mas como assim, não tem professor de cálculo, não tem professor disso? Não, aí colocava assim, quem vai dar aula de cálculo? Vai ser o Kléber, ele é formado em Engenharia Agrícola, tem formação, ele vai dar aula de cálculo aqui e tal. Só que na hora da aula o cara não ia, não dava. Aí não tem o professor. Aí eles tavam... mas ainda assim, eu resolvi, nós arrumamos professores, resolveu. Foi o que, acho que eu lembro, política, teve manifestação e aquela história. Casa que falta dinheiro, todo mundo fala e ninguém tem razão [risos]. Aquela balbúrdia, aquela confusão toda. No nosso caso, como tinha dinheiro à vontade, não tinha problema, então não tinha muitos embates, muita discussão, foi muito tranquilo.

Denis: Lembrando aqui, mudando um pouquinho, né, do assunto, mas lembrando aqui um pouco dos espaços aí do IFMG. É, por exemplo, quando você ouve a palavra IFMG, vem algum lugar, local ou espaço assim na sua cabeça, ô Caio? E aí qual exatamente?

Caio: Engraçado, você fica naturalmente... Porque a criação, né, ficou muito na minha cabeça assim. Porque a gente vai, vai... uma coisa mais concreta. Muito mais minha reitoria, é engraçado, porque eu fiquei lá, aquele foi um processo, foi a na verdade, foi a primeira a ser instalada, né. Mas, de todos os *campi*, todo mundo ficou, eu fiquei em Ouro Preto 8 meses? Acho que foi 8 meses, a reitoria funcionando lá em Ouro Preto, né? Mas nós compramos aquele prédio da reitoria lá logo no início, então foi a primeira reitoria no Brasil a ser inaugurada. A segunda a ser comprada, mas nós começamos primeiro, a primeira foi em Santa Catarina, depois foi a gente. E então ficou muito na minha cabeça, a questão do Instituto, a reitoria, fica a coisa física meio na reitoria. Mas eu fiz uma... todos os *campi*, assim, na questão da concepção, da discussão, da doação do terreno, do projeto, da instalação, do concurso, do professor, não sei o quê, eu, na verdade, eu fiquei ligado a todos os *campi*, a todos. É, o engraçado é que na campanha, não na minha campanha, porque eu ganhei a eleição fácil, não tive dificuldade, não teve isso, mas uma coisa que tentou fazer na discussão política, o Kleber tentou fazer, é que eu beneficiava Ouro Preto, que eu administrava pensando... **nunca** foi isso, eu sempre olhei, assim, tentei resolver. Você vê o caso de Congonhas, né? Você vê o caso de Congonhas, que eu sabia que tinham 11 salas de aula, o que foi construído em Congonhas, o que foi construído lá que eu falei pra vocês. Lá em Bambuí, num dia nós inauguramos 32 laboratórios. Então é uma coisa maluca, é coisa demais. Então eu sempre olhei pra todos os *campi*. Eu tinha esse... como meu projeto tava

uma coisa assim, tava na alma, eu **acredito** no projeto do Instituto e o projeto do Instituto pra mim, o Instituto para mim, ele é único. Ele tem que ter essa relação... eu sei da dificuldade da distância, eu sei das questões dos cartórios. Eu sei de cada um pensando no seu, mas na minha visão, é uma coisa única. Então eu tratei todo mundo do mesmo jeito, eu tive a mesma visão, eu sempre ia buscar recursos, acho que a função do reitor foi muito essa. Primeiro é criar o modelo de gestão que o [inaudível 02:34:17]. Mas o resto era isso, né. Ah, o curso lá de Congonhas precisa melhorar o laboratório, tem que buscar recurso. Você vai, você vai comprar, tem que buscar recurso em Brasília, tem... Então eu me envolvi com todos, me envolvi. É difícil, é difícil. Mas foi muito bacana, não tem nada a reclamar. Então o IFMG para mim é tudo, mas sempre que eu falo no IFMG, eu tenho muito orgulho do Instituto, muito orgulho, muito, muito. Não é que é criação minha, muito longe, é uma criação conjunta de todo mundo, então... Mas eu tenho orgulho porque eu tava no início, no embrião, tava naquele processo de criação. É uma oportunidade única na vida. Poucas pessoas têm essa oportunidade de criar uma coisa e de estar participando de uma revolução. Você imagina quando foi criada a primeira universidade do Brasil, né? Ou quando criou lá, em 1350, a Universidade Coimbra, junta um monte de maluco lá e cria uma universidade, coisa. Isso aí é uma satisfação muito grande, é uma mudança de coisa. Então eu acho que, no meu caso, eu acho que é esse também, o orgulho disso aí, de ter sido um participante. Não tem... nunca tive interesse... vaidade, né, nome na porta. Ninguém vai lembrar, né? Isso tá no Centro de Memória, mas ninguém, daqui a 3, 4 anos, ninguém nem vai lembrar que um dia teve um reitor que chamou Caio, que teve na fundação, isso eu tenho certeza, eu sei... as pessoas... porque não têm interesse mesmo, não têm... Se perguntar, se perguntar lá em Congonhas ou em qualquer campus aí, né, pra um funcionário: “como é que chama o reitor mesmo?”, o Kléber, nem sabe o nome do reitor. É uma coisa muito maluca. Quando você tá envolvido num projeto, né, aquilo tem uma importância muito grande pra você e nem sempre tem a mesma importância pras pessoas que tão lá embaixo que tão na base. Então, mas de qualquer maneira, eu tenho orgulho disso. Eu, uma parte bacana da minha história. Na nossa história.

Douglas: Ainda na questão espacial, você... quando a gente fala isso, tem algum lugar dentro do IFMG que te remete ao conforto, um lugar que você tem um carinho, e, da mesma forma, tem algum lugar que te remete a um estresse, alguma coisa assim?

Caio: Não. Conforto eu acho que... eu tinha uma ligação muito grande com Congonhas, a criação de Congonhas, primeiro que o primeiro diretor de Congonhas foi o Eleonardo. Eleonardo hoje é professor, depois ele saiu, foi professor lá uns dois... ele foi diretor, nos 2 mandatos. Ele como diretor, tinha uma relação muito boa com ele, muito amigo dele. Ele é de Mariana aqui, foi meu aluno, ele tinha sido meu aluno antes também. Então a gente tinha aquela coisa de Congonhas. Com o compromisso, a primeira unidade, de resolver os problemas de Congonhas e tudo, então eu gostava muito de ir em... eu fui muito muitas vezes lá, gostava muito de ir pra ver as coisas que estavam acontecendo. Ali ajudava muito porque, o Eleonardo parceiro e queria fazer muita coisa, o prefeito, precisava do prefeito, o prefeito, né, o Anderson Cabido, um cara bacana, muito bacana, muito ligado à Educação também, ajudava, então dava muito prazer. E tinha alguns lugares que a gente ficava às vezes chateado, é... se fazia, eu lembro, né, só pra ter assunto, [inaudível 02:37:51]. “Aqui eu não volto mais”. Eu fui uma vez nos laboratórios de Física que tem em Congonhas, comprei praticamente pra todos os campi, esse laboratório foi licitado, o pessoal lá do Sul ganhou, tinha, eu acho que 600 práticas, **600**. Tinha equipamento para você fazer, já vinha escrito, 600 práticas diferentes de Física. Você imagina o que que é isso, pô! Eu lembro o professor lá de Congonhas, o de Física, é Ronan? Como é que chama o professor? Ronan, não é isso? É Ronan, não é? O Ronan tava... um dia, eu chego lá, quando chegou no laboratório de Física lá, lá em Congonhas, o Ronan estava lá com 6 estagiários, eles tavam desmontado as caixas lá, pra montar os equipamentos. Eles tavam extasiados, o Ronan falou assim: “olha”, o Ronan, ele fez doutorado na UFMG, ele falou assim, “olha, eu, eu fiz doutorado e lá nós não tínhamos esses equipamentos. Coisa fantástica.” Então nós compramos pra lá, pra Ouro Preto, pra Bambuí, pra São João Evangelista e um dia eu vou a Valadares. Um dia eu chego em Valadares e vou visitar a escola e vou lá no laboratório de Física lá, tá lá o professor de Física. E eu todo orgulhoso, achando que tava, né, por “cima da carne seca” e tal, falei: “professor, satisfeito, né, no seu laboratório?”. Ele falou: “que nada, tá faltando tudo aqui!”. Você imagina? Ele tava lá com os equipamentos, **600 práticas diferentes!** Sabe o que ele falou? Juro por Deus, ele falou assim: “aqui não tem uma chave de fenda!” Ele tava mexendo lá, “não tem aqui uma chave de fenda!”. Você imagina? Às vezes você compra um equipamento de 600 mil reais e uma chave de fenda você não consegue comprar na licitação. **Uma chave de fenda!** Mas com uma cara emburrada, o cara era do Rio de Janeiro, era professor novo lá, com a cara emburrada. Eu enfiei a mão no bolso, enfiei, tirei 10 reais. O Rodrigo era o diretor de lá, falei assim: “ô Rodrigo, vai depois na rua e compra uma chave de fenda pro professor, pra ele ficar satisfeito”. Então, você imagina. Você tá achando que tá

abafando e o cara está preocupado com uma pilha, com uma... [risos] então é muito difícil. É muito difícil [risos]. Então cê fala assim: “nunca mais eu volto aqui”, mas eu voltei [risos] [inaudível 02:40:05] volta. É muito doido, o pessoal sem limite [risos].

Denis: Ô professor Caio, bacana demais. E tem alguma construção assim, dentro do IFMG, que até hoje assim te impressiona positivamente, sempre que você a percebe assim?

Caio: Eu vejo que o campus de Congonhas, assim tinha mais expectativa do campus de Congonhas. Acho o campus de Congonhas, pelo... tem um... um corpo de professores, eu sei porque eu dei posse pra cada um dos professores. Quando eu entrei, tinha 7 professores em Congonhas. Quando eu assumi, em 2007, tinha 7 professores, né? Quando eu saí, tinha 62. Eu dei posse pra maioria. Eu **esperava**, eu gosto tanto do campus de Congonhas, mas tanto, né, eu queria mais, na época, eu queria mais envolvimento, né. É por isso que eu falei, viu, Pablo? As pessoas iam tudo morar em Belo Horizonte, porque não adianta, não adianta. Olha, a pessoa que tá em Belo Horizonte, pra fazer extensão morando em BH, fica difícil, porque aí fica aquela coisa, o cara vai 3 dias só no campus. Aí concentra nas aulas dele aqui, ele não tem um prazo, ele acaba, né, não sendo cúmplice do processo de construção. Então isso que às vezes deixa chateado, porque é muito... pela forma que eu gostava de Congonhas, né. Então assim, de todos que eu criei, eu tinha essa relação, porque foi o primeiro. Congonhas foi o primeiro, que eu tava ligado a Ouro Preto, e foi naquele início, os outros ainda nem existiam. A gente que criou também e coisa, mas eu tinha essa ligação muito forte [inaudível 02:41:44] mas não... mas é isso mesmo, é... não tem... quem sou eu? Não sou, né, a gente... a gente sonha, né? Mas nem tudo a gente consegue. Não tem jeito... [risos curtos].

Douglas: Isso, indo agora pra parte de ensino e tudo mais, o que que você pensa sobre essa questão do Ensino Técnico e a relação dele com o mundo do trabalho?

Caio: Ó, gente, a vocação nossa, a relação nossa com a indústria, né, nessa região nossa, sempre foi muito forte. A educação profissional, a gente sempre teve essa ligação com o mundo do trabalho de uma forma muito, muito intensa. Não sei, é, não sei. Realmente que que a gente mudou, falar assim, a minha.... qual foi a diferença do IFMG na sua gestão, né, no Ensino Técnico? Eu acho que mudou pouco, porque essa é uma concepção muito fortalecida, muito cristalizada. A gente não inventou a roda não. É isso mesmo. Ainda tem

que formar lá o técnico em Mineração, ele tem que saber dar conta das coisas e tal, né. E formar o engenheiro, né, não teve muita diferença, não.

Denis: Essa proposta de Ensino Profissional e Tecnológico lá da lei, né, 11.892, você acha que ela, ela vem sendo aplicada nos Institutos Federais ou essa proposta tem uma distância entre a letra da lei e a prática que vem sendo efetivada nos Institutos?

Caio: Tem distância, né. Primeiro, é o seguinte, o objetivo que cê trabalhar em cada campus com alguns eixos tecnológicos, as pessoas não fizeram isso. Muitas unidades, no Brasil inteiro, começaram a abandonar o Ensino Técnico, o curso técnico. É como a Universidade Tecnológica do Paraná praticamente acabou com o curso técnico. Antes, quando era CEFET Paraná, tinha 4 mil alunos no curso técnico. Eu lembro de uma época que não tinha nem 400. Eles foram abandonando. Vai indo pro curso superior. E nós erramos muito. Em questão da verticalização, eu acho uma coisa fantástica. Eu acho que um professor, né, que ele dá aula lá no curso técnico, ele dá aula na Engenharia e dá aula no mestrado, eu acho isso assim... isso é coisa fantástica. Isso é bacana. E, só que as pessoas não querem fazer, né. Nem todo mundo quer fazer isso. “Ah, não tenho essa formação”. Eu sou um pesquisador, eu consigo dar aula na pós-graduação, não dou muito conta”. É difícil, é difícil. Até o pessoal entender. Ninguém faz isso no mundo, na verdade. Ninguém faz isso, esse projeto do Instituto, né, eu lembro, nós fomos num congresso em Portugal, que tava lá vários países da Europa e tudo. O pessoal ficou assim... Tanto que, na relação, eles ficaram doidos. Lá são institutos politécnicos, em Portugal. Ficaram doidos com a gente, porque o instituto politécnico é muito parecido com a gente, né, mas eles não trabalham muito com esse curso do formato do nosso. Não é muito bem... lá é como se fosse, o aluno terminou o Ensino Médio, é... nosso, é... como é que chama de depois do Ensino Médio? Chamava... é pós-médio, chamava de pós-médio, depois subsequente, né? Eles tem lá o subsequente e tem o curso superior. Eu trabalhava muito nisso. Então o ministro, nessa reunião mesmo, o ministro ficou doido, nessa coisa, porque o Haddad foi também, e o ministro de Portugal: “vamos fazer juntos”. Aí os professores de lá aproveitaram, do politécnico, e teve um momento político: “não, a gente topa fazer também e tal, **mas desde que** o Ministério da Educação de Portugal libere pra gente pra fazer o mestrado”. Porque eles não podiam ofertar o mestrado, o instituto politécnico não podia. Então eles tavam negociando, porque esse projeto do Instituto, ele é bacana. Eu sei porque nós tínhamos contato com o pessoal do Canadá, da França. Tinha-se os intercâmbios. Todo

mundo achava o modelo fantástico. E ele é fantástico! Só que é muito difícil, né, vocês que tão militando no dia a dia sabem, é muito difícil, né. É, acertar os ponteiros, ajustar, todo mundo entender, todo mundo trabalhar na mesma sintonia, não é fácil. Desde o início a gente sabia que não seria fácil. Primeiro, é o que eu falei lá no início, primeiro tinha um grupo de pessoas e professores, né, na época era, vamo dizer, a metade dos professores, passaram a vida inteira trabalhando com curso técnico, só com curso técnico. Aí começou a expandir, faz os concursos e começa a entrar os novos professores. Quem que são os novos professores, né? É gente que tá vindo da universidade, no caso já fez lá o mestrado, doutorado, pós-doutorado, passou lá no concurso. Ele vem com uma visão do Ensino Superior. Então você tem a metade do grupo de professores, né, com a visão do curso técnico. A outra metade, do curso superior. O técnico não dá conta de chegar... do curso técnico, não dá conta de chegar no superior, e nem vice-versa. Então você cria uma coisa meio Frankenstein ali. Mas isso é o tempo. É o tempo que vai ajustar. Eu acho... a gente não pode... por isso a lei é importante, ficou tudo amarrado, nós discutimos aquela lei 11.892 **exaustivamente**. Escrevia todos, todos os pontos, tudo assim, antevendo todos os problemas que vai ter na frente. A gente tem que bater na lei o tempo todo, lei é... O dia que o professor vai tomar posse, fala: “lê essa lei aqui, o que você vai fazer aqui, o que que é, pesquisa, como é que é, como é que funciona”. É tentar ter uma cultura de escola, uma preparação pra pessoa entrar e conseguir tocar o projeto. É fácil? Não. Difícil demais, né? Mas vai ter que ter um grupo de professores, vão ter que capitanear isso aí e num dado momento o pessoal vai ver. Hora que voltar, o país quando voltar a crescer, a gente vai ver a importância, né, que tem isso aí. Eu mesmo, eu, candidato a prefeito de Ouro Preto agora, eu tenho proposto, né, uma das coisas que eu tenho proposto é um distrito industrial aqui de Ouro Preto, lá na região do Mota, aqui pertinho de Congonhas. É um subdistrito nosso, que é às margens da 040 ali no caminho, perto de Congonhas, do Mota a Congonhas. É, você vai ali em 10 minutos de carro, mais ou menos, 10, 15 minutos de carro. Do Mota até a sede do município Ouro Preto, né, é 50 quilômetros, quase 50 quilômetros. Mas ali tá nas margens da 040, tem ferrovia ali pra escoamento de produto, é perto de um distrito importante de Minas e Metalurgia, tem a Gerdau lá em Ouro Branco, a CSN em Congonhas, a Vallourec lá em Jeceaba, tem o distrito industrial em Itabirito também e vai... Mas nessas discussões, no debate que eu tenho feito aqui, é, eu tenho falado: “olha, por que que vai dar certo lá?. Além de tudo, nós vamos ter lá, né, as escolas de Engenharia, escolas técnicas”. Nós temos lá, é meu discurso o tempo todo, nós temos lá a escola de Engenharia em Congonhas, nós temos lá em Ouro Branco, nós temos o IFMG lá em Lafaiete, nós temos o IFMG com cursos de Engenharia em Itabirito, que é muito próximo também.

Nós temos a universidade de São João, é um campus, a universidade de São João lá em Ouro Branco, nós temos a Universidade Federal de Ouro Preto, nós temos o IFMG de Ouro Preto, nós temos escolas, boas escolas, na área de ciência e tecnologia na região, que vão dar sustentação, né, a um polo industrial, que vai desenvolver a região, que vai gerar emprego, que vai gerar renda. Que vai melhorar as condições da nossa região. Baseado nisso, é isso, a educação, ué. Nada... quando começar, o país tiver a chance de crescer de novo, né, só vai crescer se tiver um Instituto Federal, se tiver uma universidade, né. Pra criar, né, nós temos que criar novos produtos, tem que fazer pesquisa aplicada, é isso que tem que fazer, mexer na coisa. E tudo passa pela educação. Nada, ninguém vai em lugar nenhum, ninguém vai mudar nada, ninguém vai melhorar nada se não investir de verdade em educação. Não tem outro caminho, não existe outro caminho. Se existe, não falaram pra gente, não contaram pra gente, né. [risos]

Douglas: É, nessa linha ainda de educação, do investimento nela, quando você pensa o aluno, né, o menino que tá entrando no IFMG hoje, qual que você vê que seriam as principais vantagens dele estar nesse modelo de ensino e os principais desafios?

Caio: Olha, primeiro que ele... O ensino médio não serve para nada, né? O que é o curso técnico? O cara vai dar uma... primeiro que, quando entra num curso nosso, né, num curso técnico nosso, os nossos cursos são bons. O nível dos nossos cursos, nós sabemos, é nível dos melhores países do mundo. A avaliação nossa é... aluno nosso é aluno nota 7, nota 8. É o mesmo padrão da França o aluno do CEFET, né, dos Institutos Federais, é esse padrão. Primeiro já começa por aí, o nível de ensino, que é muito grande. E segundo, é o seguinte, pra que que serve o Ensino Médio? Pra vida, né? Quando eu falei lá, vamo, vamo falar da situação, não sei exatamente os números de hoje, né, mas na minha época como reitor, é mais ou menos aquela relação, é... 8 milhões de alunos saem do Ensino Médio e só 1 milhão vai pra Universidade. 7 milhões ficava de fora. Você imagina o seguinte, você tem, coloca o aluno do Ensino Médio que ele não aprendeu nada, ele não aprendeu nada, não aprendeu uma profissão, não sabe o que fazer, não sei o quê. Não valeu de nada. Então quando você dá um curso técnico pra ele, lógico, junto com a formação humanística, não sei o quê, você tem os cursos propedêuticos também, o cara sai dali... Como tem muita gente em Congonhas, o curso de Edificações em Congonhas era um sucesso na época, todo mundo saía de lá, os garotos iam fazer Engenharia à noite porque arrumavam emprego, né. Tava expandindo

Jeceaba, aquela expansão em Jeceaba, em várias minerações, a expansão daquela região ali, né, dando emprego. Então você dá a chance do garoto, né, que termina lá com 18 anos o Ensino Médio dele, ele tem uma profissão. Ele tem uma profissão que pode ir pro mercado de trabalho, ele pode sustentar a família dele. Ele pode sustentar, ele pode até, se ele não tiver vaga na Universidade Pública, porque não tem vaga pra todo mundo, não tem, mesmo com o REUNI, mesmo com os Institutos Federais ainda falta vaga. Eu lembro uma vez, eu tava inaugurando um campus lá de Ponte Nova, e a reitora de Viçosa foi na inauguração lá e falou assim: “olha, gente, nós temos que criar mais escolas”. Mesma visão da universidade, a gente criando a mesma, um curso superior ali do lado de Viçosa, falando: “nós temos que criar”. Ela fala um dado lá: “Esse ano nós tivemos em Viçosa 4 mil inscritos pro nosso vestibular, só passaram 400, só tínhamos 400 vagas”, não é? Então mais de 3 mil jovens ficaram frustrados, quer dizer, eles não tiveram acesso. Então nós, principalmente nós que somos professores, nós temos que brigar dia e noite pra ter uma vaga pra cada aluno. Nós temos que acabar com o vestibular, se acabar o vestibular, tem que ter uma vaga pra cada aluno. Tem que ter vaga. A escola tem que estar aberta, tem que ter mais vaga, mais professor, né, pra capacitar professor, pra dar oportunidade pras pessoas. Então é uma luta muito bacana.

Denis: E, ô Caio, na sua avaliação, como que se efetiva, assim, essa relação entre o IFMG o mundo do trabalho e também a comunidade externa?

Caio: Não, mas ela é muito tênue. O que que acontece? É o grande problema que nós temos assim, a própria, falando em termos da escola técnica, da escola de Engenharia, não é? Os nossos professores, vão passando os anos, eles ficam muito distanciados do mundo do trabalho. Muito distanciado. Eu lembro que eu fui ao Canadá, né, nos Institutos do Canadá, é, não sei se era 50%, alguma coisa assim, dos professores eram do mundo do trabalho. Então, o cara trabalhava na indústria do lado lá, ele era o engenheiro na indústria, trabalhava, e 12 horas por semana ou 20 horas por semana, ele era professor. Então ele dividia, tinha que estar sempre antenado com o mundo do trabalho. Como era antigamente nas Escolas de Engenharia, todo mundo que dava aula na Escola de Engenharia, ele era da indústria. Tirava um tempo lá e dava uma disciplina, dava duas e coisa. Não dá, fala assim: “mas e a questão da pesquisa?”. Ele não vai fazer a pesquisa, ele não vai fazer a extensão, mas ele tem que ter um percentual, um grupo de professores dentro da área do curso técnico, do curso de Engenharia, que ele está diretamente ligado ao mundo do trabalho, pra você ter essa relação.

Porque hoje nós distanciamos muito. Nós distanciamos demais. Primeiro o seguinte, a grande discussão, a grande briga, né, das universidades, que vem na luta contra a ditadura, aquele discurso que a gente passou e tudo, a primeira briga é o seguinte, o discurso nosso dentro da universidade era **demonizar** o mundo do trabalho. Essa relação com o mundo do trabalho, a coisa era **abominável**. O empresário só gera lucro, só visa o lucro, só visa o [inaudível 02:55:36], explorar o trabalho, explorar o trabalhador, não sei o quê, né. E nós distanciamos. Você vê? Quer ver um exemplo? Vamos ver um exemplo aqui, né? Qual é a contribuição, **qual a grande contribuição** que as universidades deram, vamos assim, pra enfiar o dedo na ferida... Nós desenvolvemos muito na área agrícola do Brasil. Muito, né. A produção agrícola nossa, na década de 60 pra cá, ela aumentou muito. Qual foi a participação da universidade? **Pouquíssima**. Pouquíssima, da universidade, né. Você tinha uma EMBRAPA, uma EMBRAPA que desenvolveu, a EMBRAPA, uma empresa que não é da universidade, que ela desenvolveu a agricultura. O resto foi institutos internacionais, que vem trazendo, que desenvolveu. E a universidade participou pouco porque continuou, né, a universidade discutindo **dentro** dela e longe do mundo do trabalho. Esse é um grande problema. Eu lembro um caso, eu lembro um caso assim, é um caso interessante. Um dia, eu estou aqui no meu restaurante, eu tenho um restaurante aqui em Cachoeira do Campo, eu tava no restaurante conversando com um professor de Bambuí, professor de Bambuí... é, de Bambuí, é, que tava voltando, ele passou aqui, voltando de um trabalho na Espanha. Ele tava fazendo o pós-doutorado dele, ele tava fazendo um trabalho, eu sei que numa região da Espanha. E ele conversando comigo, aqui é perto de Viçosa e ele... O Pablo saiu da área?

Denis: Não, só a imagem, parece.

Caio: Então, só a imagem dele, é. Mas esse professor contando, falando comigo, sobre o trabalho, que ele é de Viçosa, esse professor... é, esse professor é de Viçosa, não é de Bambuí não, esse professor é de Viçosa, eu lembrei aqui, esse professor é de Viçosa e ele dava aula no doutorado... no mestrado nosso lá de Bambuí, mas ele tava vindo dum trabalho que ele tava fazendo na França. E ele tava aqui no meu restaurante, que é caminho pra chegar na Universidade de Viçosa, e a gente conversando, ele falando da França, falando lá da Espanha, que ele não sei o quê, pá pá pá, aí um senhor ouviu a conversa, um senhor de uns 80 anos, formado em Agronomia também na Universidade de Viçosa, 85 anos... o cara é mais velho, muito educado, ele veio, passou perto da gente. E ele tava numa mesa próxima, ele levantou

como se fosse no banheiro, uma coisa assim, passou e falou: “gente, eu ouvi a conversa de vocês”, falando com o professor assim, “eu ouvi a conversa de vocês e eu não posso deixar de fazer uma observação aqui. Eu tenho, eu sou engenheiro agrônomo, formado também em Viçosa e tudo, e eu tenho um sítio em Teixeira”. Teixeira é entre Ponte Nova ali e Viçosa, quase Viçosa. “Eu tenho um sítio em Teixeira, e eu tenho uma dificuldade tremenda, a universidade nunca me ajudou, como é que você conseguiu, como é que você conseguiu chegar em Madrid, né, sem passar por Teixeira?”. Aí começou a discussão... e é essa a discussão, pô. É a universidade não chegar no campo, a universidade não chegar no mundo do trabalho, e isso acontece não é só na Agronomia não, acontece também em outras áreas. Nós temos uma grande dificuldade. É a gente pra gente mesmo. Isso vai ter que quebrar também. Eu acho que a dedicação exclusiva, da forma que foi colocada, todo o modelo de dedicação exclusiva, isso não foi bom, porque a pessoa entra, imagina um engenheiro, na parte técnica, ele ficou 20 anos, se ele não tiver uma relação com o mundo do trabalho, ele não conhece o processo mais. Não é importante? É lógico que é! É lógico que é. Você tem o aluno lá da Engenharia, ele tem um professor, imagina o cara que faz Engenharia Mecânica lá em Congonhas, faz Engenharia Mecânica e ele tem um professor que é da área de Mecânica lá da Gerdau. Ele, pô, o nível de formação que ele vai ver, de experiência, né, de contribuir... Não são todos os professores, não. Tem alguns que tão na área da pesquisa, que vai ter dedicação exclusiva de 40 horas, etc. Mas você tem que medir, dosar mais, acho que tem que pensar alguma coisa, dosar mais, pra você ter um intercâmbio maior entre a universidade e o mundo do trabalho, porque senão você vai ficar fazendo discurso pra nós mesmos. Não sei, isso é uma visão minha, eu tô aposentado já. “Pô, mas esse cara é reacionário, não sei o quê”. Não, é o que eu já passei [risos]. Difícil mudar, é difícil mudar. Por quê? Quando mudou, a dedicação exclusiva é muito mais pra melhorar o salário do professor, 40 horas, dedicação exclusiva, é pra melhorar, o salário era muito ruim. Imagina alguém que não é dedicação exclusiva. Hoje, quem vai dar 12 horas/aulas, né? Faz a conta aí, você tira o percentual da gratificação de DE, mais não sei o quê, o cara, é uma mixaria. Então é difícil, então criou essa estrutura. É pra melhorar a remuneração do professor, mas ao mesmo tempo distanciou a universidade do mundo do trabalho, o que também não foi bom. Então nós temos que dosar, tem que fazer essa discussão interna pra dosar. Porque a experiência é você ter um professor, né, que ele milita, **alguns professores**, alguns professores que militam também no mundo do trabalho, porque, principalmente nas áreas de tecnologia, na área da engenharia, né. Que que é a engenharia? Solução de problemas, né. O engenheiro, ele tá lá, o técnico, ele é um resolvidor de problemas. E como é que se resolve problema? A experiência te ajuda muito

pra encontrar a solução, encontrar os caminhos, né. Então nós precisamos encontrar esse caminho. **Reencontrar.** Já existiu, era muito grande. Eu falei, fiquei impressionado no Canadá, acho que era quase a metade, dos Institutos que eu fui lá, no Canadá, é mais ou menos a metade, metade era dedicação exclusiva, ficava o tempo todo na escola, e a outra metade, ele dividia o tempo entre o mundo do trabalho, entre a empresa lá e a escola. E vivia muito bem o pessoal lá. E a escola, quer dizer, o primeiro mundo fazendo, a gente pode fazer também, lógico, é um bom caminho. A gente já fez inclusive, é retornar. Mesmo você [inaudível 03:02:02].

Douglas: Caio, você até disse aí que, né, você tá aposentado e tal, então assim, daquele Caio que entrou na ETFOP em 1985...

Caio: ã?

Douglas: E hoje aposentado, qual que é o balanço que você faz em relação às mudanças institucionais aí desde 1985 até a sua aposentadoria? Como que você viu essas mudanças, como elas, como você percebeu tudo isso?

Caio: Olha, a escola melhorou muito. A escola, o nível de ensino, a condição, melhorou muito de 85 pra cá. Tivemos mais condições pra trabalhar. Foi uma, eu vejo que foi uma... nós passamos por uma revolução. Mais tarde as escolas de Pedagogia vão estudar isso aí, não é, vai ver que foi realmente uma revolução no ensino. Uma grande revolução na educação brasileira. Um modelo inovador, uma coisa audaciosa até. Não só inovadora, audaciosa, vai enfrentar o... é um desafio tremendo. Um desafio difícilimo, né? E eu acho que melhorou muito. A gente, nosso caso, vou falar o meu caso, a gente era professor de uma escolinha do interior. E passamos a ser uma unidade universitária, uma escola universitária. Você vai, se você chegar, Pablo tá lá em Congonhas lá fazendo, tá todo mundo fazendo pesquisa, mexendo, é uma universidade, pô. É uma universidade. Eu acho que até muito mais, nós não temos tamanho porque nós temos limitações. Nós fomos criando inicialmente pra ter 1200 alunos. Lá em Congonhas deve ter uns 1300 alunos, 1400 talvez, né, Pablo? Mais ou menos? Então, aí você pega a Universidade de Viçosa, tem 12.000 alunos, a UFMG tem 30.000, né? Alguma coisa assim. É uma, é uma outra escala, mas você imagina, né, o que que você faz dentro de um campus, é uma universidade, é uma coisa. Então o nível melhorou, a

perspectiva e coisa, melhorou muito, muito. Nós saímos de uma escola pra uma outra escola, uma outra realidade **muito** melhor, muito melhor. Apesar das desilusões... Que que é desilusão? Porque você imaginava um mundo ideal, que as coisas fossem exatamente aquilo que você sonhou, só que a vida não é assim. Não é nem na coisa, na vida pessoal, é nas coisas... A gente sonha uma coisa, a coisa mais simples, não consegue. Uma coisa tão grande, você ajustar e todo mundo estar na mesma sintonia e acreditar nas mesmas coisas, e trilhar o mesmo caminho, isso não é fácil, de jeito nenhum. Mas eu acho que melhorou muito, eu acho que nós caminhamos pra estrela. Nós vamos subindo pra estrela. [risos] Vai dar certo, tenho certeza que vai dar certo.

Denis: E ainda fazendo esse percurso aí que cê fez, primeiro com a retrospectiva aí, fazendo esse percurso, e o futuro? Os Institutos Federais, eles têm futuro? Qual que seria o futuro dos institutos?

Caio: Não... ele, o Instituto precisa se consolidar, ele não se consolidou ainda, né. Eu acho que ele tá num momento, nós tamo num momento, hoje, de fragilidade, né. Ele não chegou a ajustar o trilho ali e tá muito dividido. As pessoas estão tentando quebrar mais ainda... Mas vai chegar um momento aí que não tem caminho, se as pessoas sentarem pra enxergar, o melhor caminho nosso é o caminho do instituto, então ele vai... O céu é o limite, não tem dúvida nenhuma, tem dúvida nenhuma. Porque a escola é boa. Ou não é? A escola é muito boa. Os professores, o quadro de professores é o melhor possível, tem estrutura, bons laboratórios, estão inseridos de acordo com o arranjo produtivo local. Cada escola dessa foi montada, os cursos, né, discutimos com a comunidade, com a prefeitura, levantamos, fomos no IBGE, fomos não sei o quê. Montamos de acordo com o arranjo produtivo local, quer dizer, então os alunos podem sair dali, né, eles vão arrumar um emprego, eles vão ter emprego. Eles vão estar qualificados pra entrar pro mundo do trabalho. Tem tudo pra dar certo. **Tudo** pra dar certo, tem tudo.

Douglas: Caio, a gente já caminhando pro final da nossa entrevista, gostaria que você fizesse uma avaliação aí desse exercício de memória, essa proposta de construção da memória que nós temos aqui com o Centro. O que você achou do exercício da entrevista, como que você avaliaria essa iniciativa?

Caio: Uai, eu acho muito bacana. Eu acho que, um país que não tem memória... o Brasil não tem memória, as pessoas não conhecem a própria história, até brinquei, daqui a um tempo ninguém vai lembrar de ninguém. E não é das pessoas, nós temos que lembrar do movimento. Eu acho que o Centro de Memória, né, essa iniciativa de vocês é bacana, tem que deixar registrado, **tem que deixar registrado**. Saber porque que o Denis perguntou, “por que que a reitoria foi em Belo Horizonte?” Pra mostrar. Ninguém vai saber da história, ninguém nunca vai saber que foi criado o IFMG numa coisa de... quase que numa estratégia política. Que eu tive que debater com o ministro, eu blefei, né, como que eu ia criar, você imagina um Instituto, e o ministro tinha razão. Como é que você cria um Instituto com todos esses *campis*? Um negócio maluco, um negócio doido. Então, o futuro é... Isso tem que ficar registrado, as pessoas um dia tem que falar assim: “olha, existiu isso aqui”. Não é personalizar, não é isso, não é nada disso. Não penso, falar assim: “olha, teve um bando de maluco aí, num dado momento, né, que eles enxergaram que a educação profissional é importante pra esse país e criaram esse negócio aí que chama Instituto Federal e esse trem é bom mesmo, pô”. E a gente sabe que é, né? É bom, então é isso. E eu não tenho dúvida nenhuma que vai dar certo, **nenhuma**, que vai dar certo. Não tem como dar errado. Não tem como dar errado.

Denis: Ô Caio, mais uma vez a gente te agradece, agradece demais a sua disponibilidade, a prontidão, é, ter entrado aí em todas as questões que a gente fez pra você. A gente vai criar o nosso portal e ir disponibilizando, né, as imagens, as entrevistas, é, alguns trechos, por exemplo. No caso, a gente vai também depois te enviar essa entrevista aí transcrita, também o termo de autorização. Eu queria saber de você se você autoriza aí, é, o uso dessa entrevista, da imagem, pra fins de pesquisa aí da memória institucional do IFMG?

Caio: Tranquilo. Eu só achei... porque saiu sem eu ver, é a história do Mané Doido lá, não sei se vai ficar muito bem contextualizado [risos].

Douglas: [risos]

Lívia: Não tem problema não, é só [inaudível]

Caio: O resto... tá tudo bem. [risos]

Pablo: Ô Caio, sem dúvida alguma, ficou entre as melhores histórias aí. Mané Doido... [risos]

Caio: Mané Doido... [risos]

Douglas: Mas ô Caio, de qualquer maneira então, em nome de todo o grupo, muito obrigado! Foram... você foi muito pontual, diga-se de passagem, então foram 3 horas e 6 minutos de entrevista no total, enfim, portanto uma entrevista muito grande, você se mostrou extremamente solícito, tranquilo. Em nenhum momento a gente percebeu algum tipo de afobação, ou que tava demorando muito... você foi muito... nos atendeu muito bem, então em nome de todo mundo, muito obrigado novamente!

Caio: É um prazer.

Pablo: Ô Caio, muito obrigado! Foi uma oportunidade... a gente aqui no Centro de Memória, eu tenho, eu costumo dizer que é um imenso privilégio, né, a gente poder, é... nós aqui entramos, já entramos na instituição nessa conjuntura de ser um Instituto, né. Eu [inaudível 03:10:27], o professor Douglas, nós entramos já depois de 2014, professor Douglas 2015, a Livia eu não me lembro quando que é... que ingressou na...

Livia: 2013.

Pablo: Então todos nós já entramos numa geração Instituto, né? Então ter a oportunidade...

Caio: Eu nem [inaudível 03:10:46] pra todos vocês... [risos]

Pablo: Sim. É, ter a oportunidade de ouvir essa, essa construção da instituição é fundamental e eu ousar dizer ao senhor que eu não concordo com o senhor quanto ao esquecimento [risos]. Eu acho que, sem dúvida alguma, esses arquitetos institucionais aí já têm o seu nome

registrado entre os grandes, né. Eu acho que a missão do Instituto, desse Centro de Memória, é tentar exatamente ajudar, né? Aqui humildemente estamos tentando colaborar pra que essas vozes sejam ouvidas e que as pessoas tenham consciência da grandeza da história dessa instituição. Eu, mais do que ser um historiador, eu sou um profundo defensor da ideia de que, quando a gente conhece a história dos lugares por onde a gente passa, né, o orgulho, o cuidado, o carinho que a gente tem pelo lugar, ele aumenta consideravelmente. Então, quando a gente sabe da história do IF, a história de lutas, a construção de cada campus, a chegada de novos servidores, do laboratório [risos], cada chave de fenda que é comprada, né, professor [risos], a gente valoriza muito mais esse patrimônio público brasileiro, então fica o meu agradecimento, né. Reitero o agradecimento do professor Douglas por essa tarde maravilhosa, por esse passeio pela memória, entornado aí por um fundo que eu tanto amo, né, que é a paisagem das Minas Gerais, né, essa [inaudível 03:12:28] tão maravilhosa. [risos]

Caio: [risos] É verdade.

Pablo: Muito obrigado, professor. Tô muito feliz mesmo. E muito feliz por revê-lo, né, depois de certo tempo, mas fico muito alegre de vê-lo e partilhar desse sorriso e dessa simpatia que são ímpares.

Caio: Muito obrigado. Eu fiquei... eu que vou falar agora? Eu mesmo?

Pablo: Fica à vontade, professor! [risos]

Denis: Fica à vontade, professor Caio.

Caio: Não, eu também agradeço, também foi uma tarde muito gostosa. Eu tenho um amor muito grande pelo Instituto. É, como professor, que eu passei a minha vida toda ali, boa parte da minha vida, né. E essa da construção... Eu fico feliz que tenha gente que tá pensando, né, o Centro de Memória, vocês tão pensando no futuro dessa instituição, né? E o futuro é... o futuro é brilhante, né. Eu agradeço a vocês e faço votos que vocês participem com muita garra, muita vontade, pra cristalizar esse sonho da gente [depoente se emociona].

Lívia: Muito obrigada, professor Caio, pela disponibilidade.

Pablo: É nós, professor! O senhor é o grande arquiteto do futuro aí.

Lívia: É, muito bom! Foi muito importante pra gente essa tarde e a gente agradece mesmo por poder contar com a sua participação...

Douglas: Muito obrigado, Caio!

Caio: [inaudível 03:13:52]

Pablo: Mas isso é bom demais! Ô professor, sinta o abraço caloroso que o senhor me deu quando eu cheguei na casa. [risos] Sinta aí.

Caio: Muito obrigado!

Pablo: Eu não sou grande como o senhor, né, quando o senhor me deu o abraço, eu fiquei “piquitin”. Eu tenho a foto guardada aqui, minha mãe ri até hoje: “Foi a primeira vez que eu vi que cê é pequeno”. [risos]

Caio: [risos] Eu tenho 1,97m.

Pablo: Não, eu achei interessante que a gente... eu cheguei, já tinha começado a entrevista, mas é bacana que na biografia do senhor tem até jogador de basquete profissional.

Caio: Isso, isso.

Pablo: É o esporte favorito do nosso querido Douglas, que é um grande entusiasta do basquete aí, ele achou muito bacana essa curiosidade e então sinta meu pequeno, meu pequeno-grande abraço aí, professor!

Denis: Muito obrigado, professor!

Caio: Com a mesma intensidade, obrigado!

Douglas: Caio, só... é isso mesmo, então muito obrigado, viu. Obrigado mesmo, valeu!

Caio: Obrigado, gente!

Pablo: Legal, professor! Abraço a todos aí.

Caio: Abraço, tchau!